

ETNOGRAFIA CIGANA NO BAIRRO ALFREDO BENSAÚDE SOB O OLHAR DA JUVENTUDE

Juliana da Mota Marques Segrini

Dissertação de Mestrado em Ecologia Humana e Problemas
Sociais Contemporâneos

SETEMBRO de 2011

Juliana da Mota Marques Segrini
Etnografia cigana no Bairro Alfredo
Bensaúde sob o olhar da juventude 2011



[DECLARAÇÕES]

Declaro que esta Tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, 13 de Setembro de 2011

Declaro que esta Tese se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O orientador,

Lisboa, 13 de Setembro de 2011

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em ecologia humana, realizada sob a orientação científica do Professor
Doutor Paulo Machado

*Dedico esse trabalho a todos aqueles que acreditam
Que o dia de amanhã será tão bom ou melhor do que
O dia de hoje. Dedico esse trabalho aos meus meninos
Ciganos, pois sem eles esta pesquisa não seria feita.*

AGRADECIMENTOS

Ao Nonninho (in memória) que me ensinou que cada dia de nossas vidas vale a pena quando se tem vontade de viver, que vencer os desafios é a motivação para cada dia, e que desistir é uma palavra que não existe para quem tem sede de viver.

Agradeço aos meus pais, por acreditarem comigo no que parecia simplesmente um sonho, por incentivaram e apoiarem a minha escolha. Pela força que me deram para concretizar mais esse objectivo.

Agradeço aos meus TRÊS tesouros. Meus queridos irmãos. Ao Brow pelas palavras sábias, os bons conselhos, e o grande exemplo que é para mim. A Caçula pelo carinho e incentivo de sempre, pela paciência em me ouvir, e pelos sábios conselhos escondidos por de trás da sua carinha de criança. Ao meu BichinhO, grande companheira, que comigo esteve durante o árduo caminho e nunca me deixou desistir quando tudo parecia estar perdido, pelas inúmeras lições com ela aprendidas, pelo belo exemplo de determinação, coragem e garra, sem dúvidas, minha inspiração.

À família PAULOS-DIAS e CIA LTDA, que me acolheu de braços abertos e ensinou o verdadeiro sentido da amizade. Seu Francisco, Fábio, Bela, Claudia, Vânia, Irene (Tiazocas), Sónia (BichinhO).

Agradeço à Tila pela paciência e pelos preciosos ensinamentos.

Agradeço aos amigos brasileiros que comigo estiveram durante essa caminhada, à minha querida Cukis pelas inúmeras horas de desabafo e incentivo. Aos amigos portugueses que fiz ao longo desse percurso.

Aos nobres companheiros de turma pelas inúmeras experiências partilhadas dentro e fora da sala!

RESUMO

Etnografia cigana no Bairro Alfredo Bensaúde, sob o olhar da juventude

Juliana da Mota Marques Segrini

PALAVRAS-CHAVE: etnografia, minoria étnica, aculturação

O presente trabalho foi realizado no bairro social Alfredo Bensaúde localizado nas margens da cidade de Lisboa, na fronteira com o município de Loures.

Com uma presença multiétnica vincada (gente de origem nacional, africana, indiana e cigana), em proporções distintas, realizei esta pesquisa com um interesse apenas focado nos ciganos, que são considerados uma minoria étnica pela ONU. As minorias étnicas são grupos que apresentam entre seus membros, traços históricos, culturais e tradições comuns, distintos dos verificados na maioria da população. A ausência de dados sobre as famílias ciganas residentes no bairro – ou a indisponibilidade para a sua cedência, caso existam – ditam a indisponibilidade de uma caracterização extensiva. Assim, os dados apurados e apresentados no capítulo 3 dizem apenas respeito às famílias das crianças com as quais convivi ao longo de três meses.

Marginalizados desde o tempo (secular) em que chegaram ao território Português, nomeadamente em termos das políticas públicas, apenas nas últimas décadas passaram a ser vistos como cidadãos de plenos direitos, e não apenas como ciganos. Hoje são denominados ciganos portugueses.

Os ciganos em cada país onde são encontrados são conhecidos por uma palavra característica do idioma local, por isso existem várias denominações para se lhes referir. Desde o início do século XV, quando chegaram a Portugal, até aos dias de hoje, foram sempre vistos como trapaceiros e estão sempre marginalizados na sociedade. Cada comunidade cigana expressa as suas particularizações: porém, devido aos pré-conceitos acerca dessa população, são generalizados e vistos como iguais.

Devido à relação conturbada com a sociedade não cigana, as comunidades ciganas têm um certo receio em receber um não cigano no seu seio, e mais receio ainda em contar a sua

história a um *gadjo* (ver Preâmbulo a seguir). Neste estudo, utilizei a técnica de entrevista indirecta. Ou seja, com um guião, a conversa era conduzida de maneira a conseguir ter acesso a todas as informações pretendidas. As conversas eram gravadas e posteriormente transcritas.

Consegui deduzir que a comunidade cigana (visível pelo testemunho dos mais novos) sofreu e sofre um processo de aculturação. A mobilidade territorial é basicamente conduzida pelo processo de realojamento. As profissões ditas tradicionais ciganas já não são as únicas a serem exercidas, e não são pretendidas pelas crianças e jovens que ingressaram no mercado de trabalho.

| A mudança já começou...

ABSTRACT

Gypsy Ethnographic in the Alfredo Bensaúde neighborhood, below the look of youth.

Juliana da Mota Marques Segrini

KEYWORDS: Ethnographic, ethnic minority, acculturation.

This work was made in the social neighborhood Alfredo Bensaúde, situated in the surroundings of Lisbon city, on the border with Loures municipally.

With the multiethnic presence crease (people with national, African, Indian and gypsy origin), in different proportions, I made this search with one interest focused only in the gypsies, considerate ethnic minority for ONU. The ethnic minorities are groups who present among their members, common historic features, cultures and traditions, from those that found on the majority of the population. The data default about the gypsies' families living in the neighborhood – or the unavailability for concession if they exist – dictates de unavailability of one extensive characterization. So, the data determined and presented on the 3rd chapter concern the children families which I interacted in these 3 months.

Marginalized since the secular time that the arrived in the Portuguese territory, namely in politic public terms. Just in the last decades they had been seen like full right citizens, not only like gypsies. Today, they are call Portuguese gypsies.

Gypsies in each countries which are found are know for a characteristically word of the local idiom, so there are a lot of denominations to refer to they. Since the beginning of the XV century, when the Portuguese arrived, until now, they always had been seen like traps and are always marginalized in the society. Each gypsy community expresses yours particularities, but due to the prejudice about this population, they are generalized and seen like equals.

Due to the troubled relationship with the non-gypsies society, the gypsies' communities have a fear to receive a non-gypsy within it, and more than this in tell their story for one *gadjó* (look for following preamble). In this study, I used the indirect interview technique. In the other words, with a script, the conversation was conducted in one way that was possible has access to all of the pretends information. The conversations were recorded and after, transcribed.

I could deduce that the gypsy community (visible for the young testimony) suffered and until suffer one acculturation process. The territorial mobility is basically conduced for the relocation process. The professions called gypsies traditional aren't the only to be exercised, and aren't pretend for the children and young that join in the market.

The change has began...

Índice

Perambulo	10
1 – Introdução	13
Capítulo I - A origem dos Ciganos	16
I.1 - Pelo Mundo	16
I.2 – Em Portugal	19
I.2.1 – A repulsão a minoria étnica	21
Capítulo II – Família	25
II.1 - Hierarquia e Respeito	26
II.2 – Raças	27
Capítulo III – Habitação	30
Capítulo IV – Actividade Económica	31
Capítulo V – O casamento	34
2– Metodologia	35
2.I – Área de estudo	35
2.II – Breve caracterização da população	37
2.III – Breve caracterização GEBALIS	38
2.III.1 – Bairro Social – o que é?	38
2.IV – O grupo amostral	41
2.V – Trabalho de Campo	43
3– Resultados e Discussão	45
4– Conclusão	63
Bibliografia	66
Lista de Figura	69
Lista de Tabelas	70
Lista de Gráficos	71
Anexo 1- Questionário	i

Preâmbulo

A autora vos conta

Num trabalho etnográfico, o etnólogo tem de ser dotado de um espírito especial, tem de estar atento a si próprio, como sujeito social e como pesquisador, buscando a compreensão. Isto mais não é do que a principal meta no estudo que se procurou realizar, e só foi possível no momento em que entre quem investiga e o «outro» se entrelaça essa distância. Distância essa que deve ser abolida no momento da situação, nos diferentes casos (Lima, 1974).

O trabalho que a seguir se apresenta, foi pensado para ser desenvolvido com a população cigana adulta, procurando responder a uma série de questões que permitissem conhecer algo mais sobre a realidade dessa comunidade residente no Bairro Alfredo Bensaúde.

A aproximação a esses actores sociais foi difícil, uma vez que estão sempre desconfiados do verdadeiro sentido dessa aproximação, isto é, desconfiavam que na verdade não seria uma recolha de dados para um trabalho científico, e sim que eu era uma técnica da segurança social, provavelmente da GEBALIS, a averiguar se as informações fornecidas a essa entidade gestora da habitação municipal estavam correctas.

Tal desconfiança é perceptível e totalmente aceitável tendo em vista que o povo cigano “não é dado aos «não-ciganos»”, e esse isolamento é fruto de insegurança psicológica, pois sempre que se aproximaram dos «senhores» foram discriminados. Ainda hoje são marginalizados, e sendo assim não faz sentido aceitar no grupo pessoas que os discriminam da sociedade (Nunes, 1996).

Diante das dificuldades encontradas para obtenção de informações com esses actores sociais, a solução foi procurar outros actores sociais. E quem poderiam ser uma vez que os adultos não estavam a dar credibilidade ao pesquisador?

Os novos actores sociais foram facilmente identificados durante as primeiras visitas ao bairro. À medida que os adultos fugiam à verdade nas respostas, ou se recusavam a responder, esses novos actores sociais tornavam-se cada vez mais evidentes no bairro. Estavam sempre presentes, sozinhos ou acompanhados, a realizar diversas actividades.

Era quase impossível não os notar. Tão cheios de vitalidade e notoriamente barulhentos, as crianças e os jovens estavam sempre espalhados pelo bairro, a brincar, ou a conversar, quase sempre em grupo e raramente isolados.

Entusiasmados com a possibilidade de apresentarem o «seu mundo» a alguém que não pertence a ele, foram sempre atenciosos e gentis ao responderem às questões propostas. Como se não bastasse, procuravam amigos e primos para colaborarem com a pesquisa. Estavam verdadeiramente entusiasmados com a possibilidade de apresentarem a sua cultura.

Fontes fiáveis de informação, (Cohn, 2000; Saramago, 2001; Segrini, 2009; Lancy, 2010; Nunes, s/d) quando não sabiam as respostas, procuravam informação junto dos pais e avós, para conseguirem responder a tudo aquilo que lhes era perguntado. O curioso é que os adultos não estavam interessados em colaborar com o fornecimento de informações, mas procuravam os filhos, netos e sobrinhos para virem participar nas entrevistas. A simplicidade das respostas pouco-a-pouco foi dando a conhecer o que inicialmente estava trancado dentro de uma concha de receio e desconfiança.

As pessoas não conhecem, nunca conviveram e não têm interesse nos ciganos. Vivem com ideias fantasiosas (preconceitos) acerca de um povo que sofre com um estereótipo que lhe foi atribuído. Muitas vezes a imprensa contribui para aumentar esse preconceito, divulgando ideias erróneas sobre eles, ou apenas divulgando algo de ruim que tenha passado no meio dos ciganos, mas nunca divulgando o que de bom se passa entre eles (Liégois, 1989). Portanto, de tudo que ouvi à cerca dessa minoria étnica marginalizada quase nada se comprovou no terreno. Este mesmo facto poderá, em larga medida, ser tomado como um indicador indirecto da própria mudança que se vem verificando entre as comunidades ciganas, para além do carácter fantasioso, como referi, de muitas ideias pré-concebidas sobre este povo.

Para alcançar a idiosincrasia cigana, não é suficiente a recolha de algumas informações em obras publicadas sobre o assunto. É necessário também contacto pessoal, directo com os ciganos. O facto de estar na presença do objecto pesquisado dá-nos a possibilidade de conhecer aquilo que estamos a estudar. Não é aceitável um julgamento de conduta de um grupo através de outro grupo de cultura totalmente diferente. Esse tipo de julgamentos trás interpretações erróneas acerca do que realmente acontece com essa comunidade (Nunes, 1996).

Por outro lado, a circunstância de se tratar de um punhado de famílias residentes, com carácter permanente, num bairro municipal urbano, no limite da cidade de Lisboa e na fronteira com Loures, suscita óbvias questões sobre o efeito que a sedentarização em ambiente urbano pode ter provocado numa cultura secularmente nómada.

I - Introdução

A origem da palavra cigana é grega, e deriva de «Atkngano». Os gregos usavam-na para nomear o bando de adivinhos e músicos que andavam no império Bizantino desde o século VIII, e para distinguir o bando do povo local no século XIV (Pereira, 1992).

Cigano é uma denominação alternativa que pressupõe um grupo de pessoas, que também podem ser denominadas Gitanos, Zíngaros, cujo nome real é Rom (de escrita original Rhom), dependendo da localidade onde estão (Coelho, 1994, Pereira, 1992.).

As terminologias nas diferentes línguas ou gírias repetem os estereótipos: «to gyp» é roubar na gíria inglesa, «zínganar» é enganar com habilidade no dialecto veneziano e em espanhol diz-se «embustero como un gitano». Na maior parte dos países, o termo usado para designar os ciganos é pejorativo, e por si só portador de toda a negatividade da imagem negativa (Liégois, 1989,, pag 138).¹

Também conhecidos por «Boémios», palavra originária do sânscrito BOAHA MI - que tem como tradução afaste-se de mim -, não eram bem vistos, sendo assim considerados malditos e feiticeiros (Pereira, 1992, Kenrick, 1993).

A distinção dos ciganos no Ocidente é feita em três grupos. Os Rom, que são a maioria demográfica e estão presentes num maior número de países. Possuem vários subgrupos - com denominação própria, como por exemplo: Kalderash, Matchuara, Lovara, Thurara ... - e têm a sua história vinculada à Europa Central e aos Balcãs, de onde migraram a partir do século XIX para o leste Europeu e para a América. Falam o Romani. Os Sinti, também conhecidos por Manouch, falam a língua Sintó, e estão presentes consideravelmente na Alemanha, Itália e França. Os Calon, cuja língua é o caló, diferenciam-se culturalmente dos outros devido a um longo contacto com os povos ibéricos. A partir da Península Ibérica – aonde ainda são muito numerosos – migraram para América e outros países da Europa. (Maia, 1978; Coelho, 1994; Pereira, 1992; Teixeira, 2000).

Rom é palavra do romani que designa homem, ou marido. Plural é Roma, feminino Romani. Os Sinté são originários na região de Sind, na Índia. Os Cale estão fortemente presentes em Espanha. Foram os primeiros a migrar para a América (Maia, 1978; Baçan, 1999; Teixeira 2000).

¹ Na cultura Portuguesa está muito difundida a expressão “és um cigano” quando alguém agiu de uma forma reprovável, nomeadamente num negócio.

Houve um choque cultural com a chegada dos ciganos à Europa, pois eram vistos como “povo exótico”, com hábitos de nomadismo, trajes muito coloridos e extravagantes, utilizadores da arte da adivinhação. Causaram surpresa por onde quer que tenham passado, e desconfiança por parte das autoridades (Dias, 2008; Pereira, 1992).

Devido ao impacto causado com a sua cultura – aos olhos dos europeus – tão excêntrica, a partir do século XV foi criada uma legislação anti-ciganos, que durou cerca de 4 séculos e deixou marcas profundas na relação dos ciganos com os *gadjos*. Sendo assim os ciganos foram proibidos de falar o romanés, ser nómadas, ler a linha da mão, trajar roupas da sua cultura, e quem não respeitasse as imposições era açoitado ou sentenciado à morte, dependendo do país onde estivesse (Pereira, 1992; Kenrick, 1993; Nunes, 1996).

A trajectória pela Europa entre os séculos XV e XX foi dura e agressiva para com os ciganos. Durante a inquisição e o holocausto cerca de meio milhão de ciganos desapareceram ou foram queimados como bruxos. Mais coisas aconteceram, por exemplo na Roménia, onde foram reduzidos a condição de escravos, tendo permanecido nesse estatuto até ao século XIX. Na Suíça, até ao ano de 1973, os filhos de ciganos eram tirados de sua família e entregues a adopção (Dias, 2008; Pereira, 1992).

Durante a Revolução industrial, com o avanço para produção em larga escala, os objectos que os ciganos produziam, como por exemplo o artesanato, passaram a ser produzidos de maneira massiva, sendo encontrados com facilidade e deixados de serem adquiridos com os ciganos. Os Rom comerciantes de cavalos passaram a concorrer com as máquinas agrícolas e os veículos motores. Também foram perseguidos na guerra civil em Espanha, quando em Espanha foram fuzilados cerca de 60.000 gitanos pela *Guardia Civil* (Pereira, 1992).

“ Havia um grupo Rom – sobretudo Lovara e Kalderash – que tinham sido deportados dessa região para trás dos Urais no princípio da guerra. Tiveram muitas dificuldades em se reintegrarem com os Rom da polónia, devido ao facto de durante o internamento, terem aplicado ortodoxamente o código da pureza, ao passo que na Polónia a mera sobrevivência ditava bastantes relaxações” (Fraser 1995: p. 262).

Com tanta perseguição, os ciganos acabaram por se separarem do seu grupo, e não se pode conhecer o gitano estando isolado de seu contexto, isto é uma condicionante sociocultural da sua etnia, uma vez que a essência da identidade desse povo não se encontra no indivíduo, mas no grupo (Dias, 2008; Pereira, 1992).

[...] Secularmente perseguidos pelas soberanias reinantes, e posteriormente pelos estados-nação, romantizados pelo olhar do “Outro” maioritário, os ciganos, que constituem actualmente o maior grupo étnico da União Europeia [...] No entanto, a pesquisa acumulada permite justamente afirmar que «os ciganos» são constituídos por populações altamente segmentadas e fortemente diversificadas por trajectos históricos e culturais muito heterogêneos [...] O processo de segmentação é reforçado pelo conceito de «raça» em competição identitária e pragmática entre si, bem como pela existência de um ideal constantemente reafirmado pelo qual « um cigano não deve vir ao pé do outro cigano» e « é melhor trabalhar com os senhores do que com outros ciganos para evitar a formação de contrários» [...] (Bastos, 2007).

Breve caracterização antropofísica dos ciganos

De uma maneira geral os ciganos são ágeis. Os homens possuem estatura média, por volta de 170 cm, não sendo inferiores a essa estatura. Geralmente são magros, com aparência robusta; isto quando jovens. Quando mais velhos, geralmente apresentam uma barriga redonda e visível. As mulheres quando jovens são baixas e magras. Quando velhas ficam roliças, mas em qualquer idade são mais ágeis que os homens.

Homens e mulheres possuem cabelos geralmente negros e sedosos. As mulheres usam cabelos muito compridos, sendo direitos ou ondulados, frequentemente engordurados para se tornarem sedosos.

Os rostos são compridos, com maçãs salientes. Os homens geralmente usam barba e/ou bigode. Os olhos são negros como a noite. Nariz recto ou aquilino, não muito saliente, de dorso ora achatado ora não muito agudo. Boca pequena, mostrando os dentes que geralmente são alinhados, e por vezes estragados. A pele é escurecida, devido ao sol, sempre áspera. Excepcionalmente encontram-se ciganos de pele clara (Coelho, 1994; Nunes, 1996).

Capítulo I - A origem dos Ciganos

I.1 – Pelo Mundo

Ao longo da história, várias teorias surgiram para tentar explicar a origem de um povo considerado misterioso. Ora teriam origem pré-histórica, sem indicação clara sobre a sua localização original. Ora eram originários de uma mistura de raças entre judeus e mouros. Ou ainda que eram originários da Península Ibérica, da Valáquia, dos Pirenéus Bascos, da Atlântida, e até descendentes dos Índios Norte-Americanos (Nunes, 1996; Baçan, 1999).

Diante de tantas hipóteses, a mais verosímil parecia ser a que afirmava que esse povo seria proveniente do Egito, descendendo dos sacerdotes de Ísis, razão pela qual foram denominados “egiptanos”, dando origem a “gitanos” em espanhol, a “ciganos” em português, “gypsies” em inglês, “egyptiens” em francês, e “egyptener” em húngaro. A (Em) sua movimentação um grupo de ciganos deixou a Pérsia e passou pelo Egito, antes de entrarem na Europa. Essas migrações aconteceram em pequenos grupos a partir de 1200 D. C. e atinge seu auge no século XV (Kenrick, 1993; Coelho, 1994; Baçan, 1999; Nunes, 1996).

Todas essas teorias acerca da origem dos ciganos foram abaladas a partir dos estudos de linguística. Foi a partir desses estudos que começaram a surgir novas pistas sobre a origem dos ciganos, porventura mais consistentes (Baçan, 1999).

Existem explicações científicas para a origem dos ciganos pois, a par de estudos comparativos sobre o modo de vida, a capacidade espiritual (superstições de signos ocultos e cabalísticos), trajes, ofícios (ferreiros, músicos e adivinhos), caracteres físicos dos ciganos e de tribos nômadas que há no Noroeste da Índia, actual Paquistão - os laubadies - o que mais incentivou os pesquisadores a determinar esse local como a terra de origem dos ciganos foram estudos etnolinguísticos (século XVIII) que comprovaram que o romanês - língua dos ciganos - é aparentado com o sânscrito - língua da Índia Antiga. (Pereira, 1992: pág 18).

Ainda que não assevere a origem dos ciganos, a linguística comparada oferece-nos várias informações sobre a genealogia dos dialectos. Confirmou-se, à aproximadamente 200 anos, que o Romani tem origem indiana devido a semelhanças do vocabulário. Para se conseguir comprovar tal teoria, realizou-se um estudo de linguística comparada, baseado no som, na estrutura e no léxico (Fraser, 1995; Nunes, 1996).

Sugere-se que o Romani tenha surgido da migração indo-ariana antes de chegar ao continente europeu. Entretanto, o sânscrito contém um conjunto de particularidades, que em outros tempos se assemelhavam mais para o norte do território indiano. Deduziu-se que a separação do Romani e as outras línguas indo-ariana aconteceu dentro de território da Índia. (Coelho, 1994; Fraser, 1995).

O dialecto dos caldeireiros (os Kalderah), falado na Suécia, Finlândia, Rússia, Balcãs, Polónia, Alemanha, e França, foi registado nos anos 40 por Gjerdmann e Ljungberg. Foi portanto tendência migratória do grupo Rhom valacos, quando vieram das planícies húngaras, das estepes Russas e dos Balcãs (Kenrick, 1993; Fraser, 1995).

A procura pela identidade linguística causou uma fervorosa discussão desde que foi descoberta a ligação entre os romanis e a Índia, há cerca de dois séculos. Nunca foi assegurada uma ascendência entre os ramos Médio, Oriental e Meridional, mas sempre foi colocada essa hipótese. Como já dito, os argumentos baseiam-se na fonologia, quer conferida nas características sonoras que mantiveram-se preservadas no Romani e em outras línguas índicas, que mesmo tendo sofrido alterações, mantiverem semelhanças na sonoridade, e para além disso, agregam outras semelhanças, como por exemplo paradigmas de verbos e pronomes. (Dias, 2008; Fraser, 1995; Nunes, 1996; Pereira, 1992,).

Um grande contingente, formado, possivelmente, por uma casta de guerreiros, teria abandonado a Índia no século XI, quando o sultão persa Mahmoud Ghazni invadiu e dominou o norte do país. De lá, emigraram para a Pérsia, onde hoje fica o Irã. A natureza nómada de muitos grupos ciganos, entretanto, também permite supor um movimento natural de imigração que tenha chegado à Europa conforme suas cidades se desenvolviam, oferecendo oportunidades de negócios para toda a sorte de viajantes e peregrinos” (Marsiglia s/d: pag 8).

No século XIX, esta hipótese sobre a origem indiana dos romanis foi avançada por August Friedrich, conseguindo provar sua ligação com outras línguas indo-arianas, ficando assim estabelecida a origem indiana dos Rom, hipótese reforçada antropologicamente por B. Elyk, que comparou a pigmentação da pele, índices cefálicos, sangue, pressão [etc...], concluindo sobre a semelhança entre os Hindus e os ciganos (Kenrick, 1993; Baçan, 1999).

“Depois de tantas voltas do caleidoscópio, já não surpreende que os modelos da população actual apresentem uma profusão de elementos diferentes. Se contemplarmos o mosaico, como arrumar a variedade em qualquer espécie de ordem? Um bom começo é a distinção fundamental a fazer na maior parte dos países entre grupos de ciganos há muito estabelecidos e os que chegaram dentro do último meio século – como os Rom e, mais recentemente, os Xoraxanné –

distinção que se manifesta de todas as maneiras, quer na língua, costumes e profissões, quer na maneira de viver em geral [...] Os Calés de Espanha, os ciganos de Portugal e os gitans de sul de França juntamente com grupos cognitivos que vão até a América latina. [...] São tantas variáveis linguísticas que diferem e formam um único grupo, em português, denominados «CIGANOS»” (Fraser, 1995, pág. 281).

Quando se constatou a forma análoga entre a língua romani (praticada pelos Rom, o maior dos grupos ciganos) e hindu (variação do sânscrito, praticada no noroeste da Índia, onde hoje fica o Paquistão), foi possível deduzir a primeira e grande diáspora cigana. Essa é então a teoria aceite maioritariamente para a origem dos ciganos. (Liégois, 1989; Nunes, 1996; Marsiglia, s/d; Pereira, 1992; Nunes, 1996).

Na falta de barreiras geográficas, a linguagem fixa os limites sociáveis ajustáveis e detona a percepção que o indivíduo faz do seu grupo, e a percepção do interlocutor. A língua nada mais é que uma parte da linguagem, e ela ajusta-se à sua utilização. A língua é algo com conteúdo, uma forma que se modifica. É o veículo de uma carga social. Falar é uma coisa, e a maneira de fazer é outra. Nesse sentido não pode ser aprendida nem imitada. (Liégois, 1989; Coelho 1994).

No final da Idade Média, entre o século XIV e o século XVI, ocorreu um forte movimento migratório dos ciganos, que se traduziu numa grande dispersão pela Europa ocidental – excepto entre os países do norte – motivado por uma perseguição religiosa «formalizadas em leis de expulsão e exclusão» que veio a contribuir para identificação do que seja um grupo marginalizado a sociedade, , diante de qualquer manifestação expressa pela realidade e onde se encontravam (Machado, 1994).

No final da 2ª guerra mundial, a população cigana tinha uma nova distribuição na Europa, resultante da deportação que ocorreu, e também da fuga dos ciganos de um país para outro – por exemplo: Eslovénia e Croácia indo para Itália – à procura de um país menos ríspido e letal. A paz do fim da guerra trouxe um novo caos, uma vez que os ciganos foram libertos dos campos e deixados sem apoio, sem pátria, sendo sempre censurados e tendo apenas acesso a restrições. Foram constantemente jogados de um país para outro, tendo dificuldades em conseguir uma cidadania (Farser, 1995).

A seguir à guerra, houve uma turbulência política, que determinou novos deslocamentos. Para cada 150 000 refugiados havia 1 cigano, e estes foram para oeste

depois da revolta Húngara em 1956; e a agitação em Portugal nos anos 70, motivou andanças para a Espanha. Todos esses fluxos quase sempre tiveram associados motivos económicos. Espelharam-se pelo ocidente europeu, concentrando-se na Itália, Áustria, Alemanha, França, Holanda. Esse foi um movimento que aglomerou ciganos sedentários e nómadas em diversos grupos tribais linguísticos. A designação colectiva a esse grupo – ciganos – disfarça a significativa diversidade de tipos diversos de vidas e dialectos Romani (Fraser, 1995; Nunes 1996).

“O povo cigano não tem pátria - por isto a Índia em 1976 lhes concedeu a condição de cidadãos hindus no exílio - e valoriza a dispersão pelo mundo como um aspecto importante de sua sobrevivência enquanto etnia. Por causa disto, a família é fundamental pois é ela que lhes dá consciência de comunidade mesmo sem ter pátria” (Pereira, 1992: pág. 99).

Mais recentemente, estudos concentrados na pesquisa genética confirmaram que a descendência destas populações se localiza no Noroeste da Índia. Foi também possível concluir que as migrações levaram a diferentes graus de mistura com as diferentes populações locais (Publico, 2011).

Essa comprovação deu-se devido a um estudo sobre genética das populações onde foi averiguada a frequência dos grupos sanguíneos na população cigana e comparado com a população europeia e indiana. Verificou-se que, na frequência do sistema ABO, a população cigana tem o gene B como predominante, o que se assemelha à população indiana, e distingue-se dos europeus que possui um nível de gene B muito menor (Fraser, 1995).

I.2 - Em Portugal

As primeiras notícias de ciganos em Portugal datam de meados do século XV. Os primeiros ciganos a entrar em Portugal, muito provavelmente, vieram pela fronteira da Estremadura Espanhola. Com condições ecológicas, físicas e sociais adequadas, na região do Alentejo, num local pouco habitado, com matas densas, vegetação abundante, capazes de os esconder das perseguições constantes que sofriam, a minoria étnica instalou-se. A semelhança do que se passou em muitos outros países europeus, a presença do povo cigano em Portugal ficou marcada pela discriminação de que foram alvo, sejam pelas inúmeras leis contra a sua presença, seja pela repulsão do restante da população contra essa minoria étnica (Machado, 1994). Com efeito, sabendo que não eram bem-vindos, a

comunidade cigana resistiu a tudo, e cá permaneceu até ao presente (Baçan, 1999; Fontes, 2009).

Na região do Alentejo ainda é possível encontrar famílias a viajar em suas carroças. Porém, presume-se que mais de 90% das famílias já estão sedentarizadas, ocasionando a mudança dos acampamentos de lona para bairros de lata, nas periferias urbanas, e bairros sociais [sobretudo na última década] (Bastos, 2007).

Desde o reinado de Dom Manuel I, em 1521, e até final da monarquia, em 1910, os ciganos foram perseguidos, com várias tentativas de erradicar [total ou parcialmente] as famílias ciganas, erradicar os nómadas, através da desapropriação dos seus bens, da manutenção das piores condições económicas, impostos elevados, sendo violentados, impedidos de fixar residência, assimilar a cultura local, entre outras formas de discriminação (Costa, 1995; Bastos, 2007) .

Dom João III, através do alvará de 13 de Março de 1526, continuou a perseguir os ciganos, e proíbe-os de entrar em Portugal. Também ordenou a expulsão de todos que cá estivessem. Ao longo dos séculos surgem inúmeras tentativas com finalidade idêntica. Cada vez mais severas e sempre inúteis, não resultaram em nada, excepto para reforçar o estereótipo negativo sobre esta etnia (Machado, 1994; Costa, 1995; Fontes, 2009).

Algumas (poucas) excepções podem ser referenciadas no período da monarquia. Dom João IV, em 1650, aceita e protege legalmente todos os ciganos sedentarizados que tivessem carta de vizinhança. Porém, passaram a ocorrer pressões sobre o rei, devido à protecção dada por este, que se traduzia na proibição de perseguição contra os ciganos. (Bastos, 2007).

A partir do reinado de Dom João V, que durou de 1706 a 1750, a perseguição aos ciganos acentuou e dezenas deles foram despejados para suas colónias ultramarinas. De 1780 a 1786, eram enviados grupos de 400 ciganos anualmente para o Brasil. Observando o conteúdo de uma carta de 1793, pode-se verificar que os ciganos deportados "não eram úteis à coroa Portuguesa" e mesmo assim, a deportação de ciganos prosseguiu pelo menos até ao final do Século XVIII (Teixeira, 2008).

A partir do século XIX, os ciganos já não são perseguidos e expulsos do país. Passam a ser considerados cidadãos portugueses, embora sejam acusados de auto-exclusão, e não cumpridores das leis (Nunes, 1996).

Em meados de 1988, no distrito de Lisboa, existiam cerca de 5695 ciganos, distribuídos por 97 locais distintos e constituindo 1243 agregados domésticos, fazendo média de apenas 4,5 pessoas por agregado – o que é considerado pouco, devido aos numerosos agregados familiares. Em Lisboa são identificados 32 locais com presença cigana – geralmente em bairros de habitação social (Machado, 1994).

Existem em Portugal cerca de 30 a 50 mil ciganos de acordo com um inquérito feito pelas câmaras municipais e outras entidades em 2001. Distribuem-se por todo o continente. Foram apurados 21 831 indivíduos de etnia cigana. Essa etnia é o grupo mais numeroso no território luso e está basicamente concentrada em Lisboa e Setúbal, norte-centro (em Bragança, Braga, distrito de Viana do Castelo, Castelo Branco, Coimbra, Évora), e no sul do país, em Beja e Faro (Bastos, 2007; Fontes, 2009; Mendes, 1997).

Quem hoje viaje pelo Alentejo, poderá ainda encontrar famílias viajando nas suas carroças, mas estima-se que mais de 90% se encontram hoje sedentarizados, registando-se uma progressiva transição dos acampamentos de lona para os bairros da lata das periferias urbanas e destes, sobretudo, na última década, para bairros de habitação social, constituídos por prédios de vários andares (Bastos, 2007).

Actualmente, grande parte dos ciganos estão a viver em bairros sociais, porém têm problemas com o pagamento da renda, da água, electricidade, gás [etc...], o que acaba por tornar a situação insustentável. Calcula-se que em finais da presente década ainda existissem cerca de 4000 ciganos a viverem em barracas, especialmente no Alentejo (Fontes, 2009).

Ainda que a etnia cigana esteja presente em Portugal há, pelo menos, cinco séculos, é a que mais distinção sofre diante da sociedade dominante. Diante a proporção que esse grupo étnico possui, apresenta níveis de integração social e económica muito abaixo do esperado: não estão integrados ao mercado de trabalho, e consequentemente surgem desintegrados da sociedade (Magano, 2009).

I.2.1 – A repulsão da minoria étnica

“O que é então o cigano? Como definir essa Etnia? Pela homogeneidade dos grupos ciganos? Por uma origem comum? Sem dúvidas, porém não é o suficiente. [...] o que diz-se sobre os traços físicos poderia ser dito nos traços culturais. [...] poderíamos adoptar o sistema de tribos e não de etnia para definir o Cigano, pois que a tribo é «uma unidade social cujos membros afirmam formar essa sociedade”. (Nunes, 1996, pág 32).

Não podemos generalizar e dizer simplesmente que todos os ciganos são iguais, pois cada comunidade cigana é dotada das suas particularidades, sejam estas decorrentes de questões económicas, de localidade, nível de organização, entre outras. Pode haver alguma semelhança, mas cada comunidade é única (Pinto, 1995).

“As minorias étnicas como grupos minoritários que, inseridos em sociedade com valores e «ethos» diferentes dos seus, vão mantendo as tradições, «modus vivendi» e especificidades culturais” (Pinto, 1995, pág 37).

Definir etnia acaba por tornar-se difícil, uma vez que o conceito representa realidades diferentes que se particularizam de acordo com a realidade que encontram. E sob essa realidade, os ciganos foram (e são) no mundo um mosaico de grupos diversificados, o que nos leva a considerar todas as diferenças existentes. Um mosaico é constituído por elementos, que de certa maneira, estão interligados, a contribuir para a organização e estrutura. A segunda consideração é que o conjunto possui características próprias que, de certa maneira, o fazem parecer isolado, isto é, destaca as diferenças existentes no conjunto (Liégeois, 1989).

Os direitos humanos definem minorias étnicas como sendo os grupos que apresentam entre seus membros, traços históricos, culturais e tradições comuns, distintos dos verificados na maioria da população. Delimitadas essas considerações, passemos aos critérios de identificação das minorias, que envolvem aspectos objectivos e subjectivos. O aspecto objectivo envolve a observação da realidade concreta das minorias, tendo provados seus laços étnicos, linguísticos e culturais através de documentos históricos e testemunhos comprovadamente verídicos dos factores característicos distintivos. O critério subjectivo envolve o reconhecimento da minoria pelo Estado, sendo importante observar que o não reconhecimento, por parte do Estado, de uma minoria, não o dispensa de respeitar os direitos do grupo minoritário em questão (Direitos Humanos, cfr. bibliografia no final do trabalho).

Quão mais contrastada estiver uma minoria étnica com a população em geral, maior a evidência de «desprivilégio» dessa população face à sociedade. Com isso, os elementos de uma minoria estão sempre a sofrer com a discriminação e marginalização do grupo social a que pertencem (Pinto, 1995). No caso dos ciganos, a perseguição e marginalização são uma tendência secular e praticamente universal (Liégeois 1989).

Essa rejeição secular por parte das populações é em boa parte induzida pelas representações que cada um faz a respeito dos ciganos, através das quais sempre surge uma suspeita, devido ao estereótipo que se fixou e a mistura de medo impreciso e de superstição com base na bruxaria e em dons de cura e de vidência, sendo usado para explicar a rejeição actual (Liégois, 1989; Pinto, 1995).

Apesar da ONU reconhecer os ciganos como sendo em todo o mundo uma minoria étnica, originária da Índia, como já aqui se referiu (Maia, 1978), a situação concreta das condições de vida dos ciganos e a sua aceitação social não evoluiu correspondentemente, provando que a força dos estereótipos e da tradição cultural tende a imperar sobre as normas do direito internacional. O caso Português é disso exemplo.

Apenas em 1976, com o texto constitucional saído da Revolução de 1974, surge uma rejeição formal jurídica e inequívoca relativamente às formas de discriminação na sociedade portuguesa, mesmo que a realidade social posterior se tenha encarregado de desvanecer os princípios da igualdade pugnados na Constituição. Ainda no século XX, e não obstante o folgo da igualdade e liberdade da 1ª República, que tinha contribuído para esmorecer esta legalidade discriminatória, algumas leis teimosamente impunham várias restrições. Em 1957, foi proposto um documento que identificava a distribuição espacial dos ciganos, com o objectivo de controlar a deslocação, as actividades económicas, a conduta moral, e também para prevenir contágios com doenças (Machado, 1994).

Outro aspecto muito sensível, quer para as ciências sociais, quer para o Direito, prende-se com as questões da atribuição de nacionalidade. Historicamente, uma das formas mais cruéis de sonegar direitos foi sempre a da negação da atribuição de uma nacionalidade. O imperativo legal-constitucional de atribuir obrigatoriamente uma nacionalidade a quem nasce num determinado território soberano (país) é uma conquista relativamente recente e que caracteriza, sobretudo, as sociedades democráticas que possuem Estados de direito.

Com efeito, e em teoria, a Constituição protege todos os cidadãos, prevendo a igualdade de todos e não admitindo a discriminação, seja por razões económicas, religiosas, de raça, políticas, sendo inclusive oferecida ajuda às minorias linguísticas, procurando-se preservá-las. Porém, apenas recentemente os ciganos puderam ter acesso à cidadania, tornando-se assim cidadãos portugueses, tendo acesso de participação na vida do país, ou seja, utilização das instituições que são destinadas ao povo português. Isso ocorre por diversas razões, mas todas essas são motivadas pelas diferenças culturais não serem admitidas perante a sociedade, e o nomadismo constituir uma ideia de parasitismo, «sem-

vergonhice», marginalidade, portanto os ciganos actuais que já não são nómadas pagam pela fama – justa ou não - de seus antepassados. Ainda hoje há exclusão por parte da sociedade, do poder público (Liégois 1989).

Os ciganos são cidadãos de pleno direito de uma pátria, isto é, têm direito a uma nacionalidade, respeitando a Constituição, assegurando-lhes todos os direitos aí previstos para todo e qualquer cidadão português. Ainda devem ser respeitados os direitos culturais, linguísticos, não dissociados de direitos fundamentais como alimentação, saúde ... (Liégois, 1989; Costa, 1995)

“A rejeição toma então forma de reclusão, compreendida como a integração autoritária e geralmente violenta dos ciganos na sociedade que os rodeia, a qual, apresentando muitas vezes um interesse explicitamente funcional no plano económico, é concebida como uma sanção de ordem penal. O aparecimento desejado geograficamente através de um exílio, acontece socialmente pela prisão e dispersão do grupo e depois pela sua conformidade com o resto da população.” (Liégois, 1989, pág 105).

Relativamente ao povo cigano, a nacionalidade (ou a falta dela) sempre constituiu um obstáculo que não garantia direitos iguais aos dos demais cidadãos. No caso Português, embora fixados em Portugal desde há muitas gerações, a verdade é que nem todos os ciganos portugueses tinham nacionalidade – nomeadamente porque não eram registados. A obrigatoriedade do registo civil do nascimento, conquista da República, só muito tardiamente se concretizou, não sendo de excluir que, ainda hoje, alguns ciganos possam não estar registados (sobretudo os mais velhos). Ainda assim, mesmo considerando-se portugueses, e sendo-o de facto e de direito, a constante discriminação acaba por pôr em causa essa conquista da modernidade.

O preconceito está a alimentar a rejeição - que nesse momento acontece de maneira expressiva - a esse grupo. Nem mesmo as autoridades tomam providências para que esse comportamento não ocorra, estando assim a contribuir para a discriminação. Por vezes as autoridades locais e os vizinhos rejeitam os ciganos mesmo não os conhecendo. Essa rejeição é activada pelo preconceito existente, não permitindo que eles fiquem a morar num determinado lugar. Esse comportamento é muito frequente e largamente praticado, e dever-se-ia encarar (ser encarado) com um acto de racismo, mas para os não ciganos é um comportamento absolutamente aceitável (Liégois, 1989; Costa, 1995). Há que recordar que em Portugal, na década de 90 do século passado, ocorreram alguns graves conflitos

(nomeadamente em Vila Verde), que tiveram grande repercussão nacional devido à sua mediatização.

Há, igualmente, registos de actividades ilícitas, atitudes de hostilidade, comportamentos eticamente reprováveis e outras situações deploráveis que são protagonizadas por indivíduos ciganos, por famílias e por comunidades ciganas. Tais situações têm, de resto, grande repercussão local, e por vezes regional e nacional, e ajudam a cavar um fosso relacional entre ciganos e não ciganos. A questão, para a qual não se tem uma resposta amplamente satisfatória, consiste em saber se essas atitudes revelam uma discriminação ancestral, que teria hoje continuidade na maior visibilidade que é conferida aos ciganos, ou se, pelo contrário, vencidos os obstáculos jurídico-constitucionais que exerciam um efeito estigmatizante, são agora esses comportamentos desviantes que alimentam, numa lógica de espiral, a avaliação negativa que prevalece sobre esta etnia. Admite-se que algures entre uma e outra hipóteses se encontre a explicação para este fenómeno.

Capítulo II – Família

A família pode ser a nuclear, ou seja, pai, mãe, filhos: ou a extensa, a englobar os indivíduos da mesma linhagem, isso é parentes consanguíneos e afins (pai, mãe, filhos, avós, irmãos, sobrinhos, cunhados(as) ... Enquanto a linhagem do pai se perpetua através das gerações; a linhagem da mãe tem significado apenas como indivíduo e tem certos deveres com a sua «matrilinhagem» enquanto viva (Nunes, 1996).

É fundamental conhecer profundamente as estruturas familiares, as relações entre seus membros, habitação, modo de vida, hierarquia, crenças, mitos e somente dessa maneira se conseguirá compreender a realidade e a sociedade Cigana (Nunes, 1996).

A família é o pilar para a integração com a sociedade, e as unidades familiares - muitas vezes são extensas, caracterizando uma estrutura familiar muito própria desse povo. Em benefício dessa união, surgem diversos núcleos numa só família, devido ao facto de que os filhos homens se matêm junto ao núcleo familiar dos pais, enquanto as filhas depois de casarem vão morar com os sogros. Caso o filho faleça, a nora continua a viver com os sogros, ou numa habitação próxima a casa dos sogros. (Liégois, 1989; Mendes, 1997)

Somente após o nascimento do filho é que o casamento está consolidado, e então o homem se torna de facto homem, e a mulher se torna de facto mulher. A partir do

nascimento do filho ela terá seu próprio fogão e deixará de usar o fogão da sogra (Nunes, 1996).

É com o nascimento do filho que um casal funda a família. A esterilidade é vista como uma maldição, sendo motivo suficiente para o divórcio perante a lei dos ciganos. Com o nascimento do filho é tempo de festa, porém o período de gravidez é «íngrato» para a mulher, devido ser considerada impura e estar «interditada» para muitas coisas, inclusive para ter qualquer contacto com o marido (Nunes, 1996).

Há algumas décadas, o número de filhos era proporcional ao «status» social e económico, ou seja, famílias numerosas, com muitos filhos, para esbanjar, porém a realidade agora é outra, e esse estatuto social não é mais utilizado. A partir do momento que a situação económica passa a não ser favorável, há redução no agregado familiar. Isto acontece nomeadamente nos casais com menos de 40 anos (Machado, 1992; Mendes, 1997).

Na cultura cigana a mãe dedica-se integralmente a cuidar da criança até que a mesma tenha pelo menos 1 ano de vida. É a mãe quem ensina as primeiras palavras e os primeiros passos. Muito presente na vida dos ciganos, a música é ensinada desde cedo às crianças, quando as mães os ensinam a «bater os patilhos» (estalar os dedos), bater palmas à moda cigana. Aprendem a tocar instrumentos sozinhos, e quando vêem um cigano a cantar, juntam-se e fazem uma grande festa (Ministério da Educação, 2001).

Desde pequenos os miúdos ciganos ganham responsabilidades diante da família. A filha mais velha toma conta dos irmãos mais novos, os filhos mais velhos ajudam o pai no negócio da família (Nunes 1996)

II.1 – Hierarquia e Respeito

A organização da família cigana é absolutamente hierarquizada. Com um status superior estão os «seus» mortos — aqueles que os acompanham em vida. Entre os vivos, a idade, o sexo e a honra são fundamentais para defini-los. Seguindo a hierarquia do status estão os homens, quanto mais velhos, mais importantes. Em determinadas ocasiões, o factor da idade pode sobrepor-se ao sexo, e uma mulher - que seja a mais velha do grupo - pode fazer a oração para o morto. No convívio diário, os homens mais velhos, os patriarcas ou «tios» têm sempre a última palavra. As «tias» mulheres de honra com filhos

adultos tem um bom estatuto, porém não tão elevado quanto ao dos homens. Nos casais jovens, claramente são os homens quem exercem o papel de liderança (Bastos, 2007).

Na tradição cigana os mais velhos são muito respeitados, são esses a quem os mais novos procuram para receber um conselho ou dividir um problema. Esse homem mais velho se chama «Tio», e ele é respeitado e conhecido por toda a comunidade. (Ministério da Educação, 2001).

Entre os ciganos não existe qualquer estrutura social que se sobreponha as funções normais exercidas por cada membro da família. A avó cigana como esposa do chefe da família tem autoridade nas questões domésticas. O avô é a figura mais respeitada na família, por ser o homem mais velho, e os filhos, noras e netos são sempre submissos a ele. É ao avô, aos irmãos do avô, aos «tios» e ao pai que os jovens ciganos procuram conselhos. O pai é responsável pelo sustento da casa, enquanto a mãe é responsável pelos cuidados com os filhos e para/com a casa (Nunes, 1996).

Os homens mais velhos são sempre muito respeitados, e através do parentesco, e da tradição oral, que contam aos filhos e netos a história do seu povo. Durante essas conversas, os mais velhos são o centro das atenções. É a partir desse convívio que nasce o respeito e a tradição, uma vez que esses «senhores» são considerados os sábios do seu povo (Pereira, 1992)

Nessas famílias, as grandes decisões são tomadas pelos homens da casa, e muitas vezes também são eles a decidir com quem os filhos irão se casar. Depois do casamento, a nova família vai morar com os pais do noivo, o que frequentemente gera um agregado familiar constituído por mais de duas gerações: avós, pais, filhos, tios, primos (Ministério da educação, 2001)

Na comunidade cigana existe um tribunal, denominado Kis, onde são julgadas as atitudes dos membros dessa comunidade, e caso sejam sentenciados, as sentenças não podem ser recorridas. Essa entidade é fundamental para manutenção e ordem da comunidade, uma vez que está atenta a quaisquer disputas entre os membros desse grupo – evitando os contrários, punindo-os se necessário a sentença de morte, A punição mais frequente é banir do grupo o acusado, por tempo a ser definido.. Quando o acusado retorna ao grupo, há uma festa para comemorar o retorno (Baçan, 1999).

II.2 – Raças

Os ciganos constituem o exemplo único de um conjunto étnico perfeitamente definido através do tempo e do espaço, que há mais de mil anos e para além das fronteiras da Europa, levaram a cabo uma gigantesca migração, sem qualquer alteração da originalidade e unidade da sua «raça». Eles realizam a proeza de percorrer o mundo civilizado preservando suas normas de existência, que ainda vigoram. (Nunes, 1996)

“Um cigano Calon e um cigano Rom só possuem predicados idênticos no domínio da linguagem, quando emitimos proposições como: “esse cigano é Calon” ou “esse cigano é Ron”, Mas a percepção atenta das singularidades nega, taxativamente a suposta identidade dos nomes dos predicados” (Teixeira, 2000 pag 9).

Há distinções entre os grupos ciganos: cada um aponta no outro as condutas impuras, se despidendo desses comportamentos, surgindo a distinção entre os que praticam e não praticam esses valores morais, fazendo assim a distinção entre os grupos (Liégois, 1989). Devido a essas distinções é aceitável que os ciganos pensem em si de maneira fragmentada, isso é, possuem uma ligação forte identitária com o seu grupo familiar, ou com famílias que exercem o mesmo ofício, e identificam que em cada família pode haver diversos núcleos. (Teixeira, 2000).

Para se defenderem contra agressões exteriores «ciganófoba», se unem numa comunidade familiar - integrada por famílias que se identificam entre si- podendo esse grupo ser numeroso. Se reservam a fazer casamentos entre a mesma «raça». Só haverá interacção entre «raças» diferentes se sentirem-se ameaçados pelos senhores, então se unem para conseguir protecção (Bastos, 2007).

*O conceito de «comunidade» tem utilizações científicas relativamente bem definidas e utilizações populares, tanto endógenas como exógenas. [...] Mas a maior utilização actual do conceito provem da sua utilização política ocidental para referir categorias de «outros», racial ou etnicamente diferenciados e excluídos identitariamente da «nação»; nesta utilização exógena, suportada pela economia da exclusão identitária, os outros são referenciados como «comunidades», quer, na concepção científica constituem «comunidades» (de identidade e destino) ou não. **Categorias mentais** (étnicas, por exemplo), existentes na cabeça e no discurso dos políticos e dos técnicos de serviço social **não são comunidades**. E, em Portugal (o que não quer dizer que se passe o mesmo na Roménia, por exemplo), não há qualquer evidência que os ciganos formem «comunidades», territorializadas ou não. A xenofobia que sobre eles incide, o nomadismo forçado, a exclusão dos aparelhos económicos estáveis, bem como a divisão em «raças» que representam a maior «comunidade» a que se referenciam, mas que hoje estão em processo de dispersão territorial, devido à integração nas dinâmicas de imigração interna para o litoral e para os espaços urbanos e sub-urbanos, em busca de novas oportunidades económicas, o ideal de ser «um povo sem chefes», que preza acima de tudo a independência e capacidade de iniciativa e de autonomia dos «seus*

homens», levaram a que não se tivesse criado (em Portugal) o espaço social propício à formação de «comunidades ciganas» (Bastos, 2007).

Diante da mesma língua e dos mesmos costumes se observa nitidamente o desprezo de uns para os outros. Como pode não se reconhecerem como um povo único? São conhecidos por constituírem uma nação sem território e sem governo. Cada nação «irreconhece» o outro como semelhante. No sentido actual da palavra, é a cultura que determina a etnia cigana, e não propriamente características biológicas de raça. É a adaptação do cigano ao ambiente exterior e interior, as condições do ambiente que permitem interagir como pessoas e como grupo. (Nunes, 1996).

Estas confusões entre cidadania e «raça», que se pretende, por razões geoestratégicas, fazer coincidir com Continentes, fazem-nos regredir ao darwinismo social evolucionista do século XIX e servem de suporte «científico» mais ou menos inconsciente ao racismo popular mais ou menos subtil contra os «não-lusos» e, nomeadamente, contra os «africanos» e contra os ciganos destituídos da sua portugalidade jurídica (Bastos, 2007)

As «raças» são conhecidas a partir do apelido de um antepassado idealizado (os Maias, os cabeças) ou a partir de anexins de origem desconhecida, eventualmente atribuídos por outros, como é típico nas localidades rurais por todo o país - os Gavinhos, os Martelos, os Fialhos, os Azuis, os Clementinos, os Cambões, os Rebuçados, os Quicos, Os Moretos, os Caldeiras ... - (Nunes, 1996; Bastos, 2007) Entre os ciganos, os compromissos são feitos apenas com a palavra, pois para eles, a palavra do homem cigano vale tanto quanto um contracto assinado. A falta da palavra pode levar duas «famílias» ou «raças» a se tornarem contrárias, e a partir de uma decisão gerida pela Lei cigana, a família “culpada” terá de abandonar o lugar onde vivem, e não podendo voltar por pelo menos cinco gerações, sob pena de qualquer de um de seus membros que ali retorne seja alvejado e até morto. Diante dessa decisão, é perigoso ser obrigado a viver no mesmo espaço que seu contrário por decisão dos técnicos camarários, que em sua maioria, não averiguam o que se passa perante a “Lei” cigana. (Bastos, 2007). Quando entre duas comunidades ciganas há o reconhecimento mútuo, é impressionante a maneira como se comportam e criam comunhão. O facto de ser cigano é uma referência que se busca e se necessita para estar seguro da própria existência em que o cigano se encontra como estrangeiro (Nunes, 1996).

Com o passar das gerações veio o caminhar das «raças» e caminhar da cultura. E podemos dizer que a cultura cigana criou as «raças ciganas». Foi a cultura que condicionou o futuro da família biológica, pois a raça não se define pelo passado, mas sim uma projecção par ao futuro. (Nunes, 1996).

Capítulo III – Habitação

Longe do que a maioria das pessoas pensa, os ciganos são sedimentários e hiper-territoriais. Os ciganos são extremamente ligados ao seu território, ou seja, criam raízes onde se encontram, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa. Os ciganos não são nómadas por opção, e sim por imposição da sociedade. (Bastos, 2007).

Há diversas situações familiares que causam impactos na relação com o território e o habitat, e que nem sempre são entendidas por um observador externo. A proximidade dos laços da relação Cigano-Habitat acarreta adesão crítica ao pressuposto de que muitas famílias Ciganas não têm acesso a uma casa devido a optaram por um modo de vida itinerante. Esse pressuposto vem relatado em diversos discursos e pretendem fazer com que seja credível a ideia de que os ciganos são nómadas porque querem. Mas na verdade o que se passa é que a GNR tem permissão para colocar os ciganos «para andar», isso é, se os ciganos permanecem mais de 48 horas no mesmo lugar são expulsos de onde estão acampados. São obrigados a mudar de lugar sempre que querem se fixar (castro, 2008).

Para a expulsão dos ciganos pode ser atribuído vários factores, por exemplo: Presença considerada ilegítima por estarem numa «fase ainda inacabada do nomadismo»; Ocupação abusiva do espaço; Falta de salubridade e higiene dos espaços onde residem; Perturbação da segurança e ordem pública; Ausência de uma coexistência intra e inter-étnica pacífica (Castro, 2008)

Ao realojar famílias ciganas há três propósitos definidos. O desejo de fixar essas famílias e conseguir ter controlo sobre elas. A integração social dessas famílias para/com indivíduos de outras etnias, que não a cigana, uma vez que passam por conflito Inter-étnico que reforça o “isolamento defensivo identitário”. A solução de problemas quando os ciganos ocupam ilegalmente espaços que encontram vazios [fábricas abandonadas, construções a beira da estrada...] e invadem essas propriedades (Castro, 2008; Generoso 2008).

É necessário lembrar que o realojamento é mais do que oferecer uma casa, implica mudanças, que devem ocorrer para aqueles que receberam a casa, e agora terão vizinhos, e deverão respeitá-los; como para os vizinhos que recebem essa nova família. Deveria haver uma obrigatoriedade para quem formaliza o realojamento, isso é, esses deveriam ser responsáveis em integrar o novo morador a comunidade onde está sendo inserido (Generoso, 2008).

Diante da boa vontade e generosidade, por vezes a verdadeira pergunta esquece de ser feita. Qual a verdadeira intenção do estado quando “oferece” uma casa aos ciganos? É pretendido abordar de forma despretensiosa e acessível, as diversas áreas que compõem o quotidiano desse povo: origem, costumes, relações familiares, religião, venda ambulante, criança e a escola. É pretendido que os seus costumes e condutas sejam absorvidos pela «multiculturalidade», isso é, obrigar os ciganos a por de lado seus costumes e tradições pois isso atenua condutas discriminatórias para/com os ciganos, tentando assim promover a coesão social (Castro, 2008; Generoso 2008).

Capítulo IV – Actividade Económica

Para se viver em sociedade, e sabendo que para se viver há custos, não é compreensível viver sem realizar qualquer profissão, sendo esta vocação ou não. Entre os ciganos dificilmente se encontrar trabalhadores de tempo integral. A profissão é o ócio, e a actividade para produzir riqueza é um exercício liberal. Estão ligados apenas ao estritamente necessário para obter alimentos e salvaguardar alguma emergência (Nunes, 1996).

Pelos gadgés, os trabalhos tipicamente ciganos vão desde «tacheiros» de cobre, quiromantes/cartomantes, violinistas, artistas de circo até a mais «tradicional»: a venda ambulante, feirantes (Pereira, 1992).

A prática da quiromancia datade meados do século XVII e início do XVIII. Diziam que a cartomancia era a arte dos ciganos de enganar pelas raías da mão. Famosos por enganarem as pessoas, dessa vez não eram mal vistos. A profissão de quiromantes para as ciganas, era uma actividade lúdica, e salientar que era a actividade mais rentável. Para as várias clientes, a expectativa de uma boa nova, ou seja, a esperança de mais sorte na vida. Por vezes também ocupavam-se com actividades como a cura e o exorcismo de doenças (Teixeira, 2000).

A principal actividade desempenhada pelos ciganos no século XIX foi a de «barganhista» de cavalos e bestas de carga. Essa actividade foi descrita por diversos viajantes que eram abordados pelos ciganos na tentativa de realizar um negócio. Os ciganos eram sempre acusados de trapaceiros, de levar vantagens nas negociações, e de negociar cavalos roubados (Teixeira, 2000).

Não só da negociação de cavalos viviam os ciganos. Consta que várias famílias ciganas ou trabalhavam ou eram donas de circo. As famílias ciganas europeias ou eram Rom ou eram Sinti. As famílias Wassilnovitch, Satancowch, - que tem sua origem comprovadamente Húngara – a família Robatini – tendo origem parte na Itália parte na Roménia – entre muitas outras. Os maiores circos pertencem ou pertenceram a famílias ciganas (Teixeira, 2000).

Os ciganos também trabalharam como comerciantes de escravos. . Alguns ciganos foram tão bem sucedidos com a nova profissão que tornaram-se ricos e abandonaram a profissão de origem, uma vez que negociar escravos era um trabalho temporário. Chegaram a ser conhecidos como vendedores ambulantes de escravos africanos. Porém foram surpreendidos com leis abolicionistas, que garantiam a liberdade nos negros escravos, e viram essa actividade tão lucrativa ter seu fim (Teixeira, 2000).

As actividades económicas como a cestaria e o comércio de gado mantiveram por séculos o modo de vida nómada. No início do séc. XX, por volta dos anos 40/50, houve um aumento no processo de industrialização e urbanização, diminuição da produção artesanal e actividades ligadas ao sector agrícola, com isso evoluiu a necessidade de consumo, evoluindo também os imprevistos relacionados a economia, determinando assim uma sedentarização e fixação desse povo, praticamente extinguindo o modo de vida nómada. (Mendes, 1997).

Da geração dos anos 50 até os anos 80 grande parte dos que ainda se mantêm a trabalhar são vendedores. Esse é o melhor ofício que um cigano pode ter pois tem um bom poder de convencimento, e conseguem vender bem as mercadorias. Inicialmente negociavam o gado, cavalos, faziam a tosquia. Embora não fossem (sendo) criadores de gados conseguiam passar a imagem de bons conhecedores (a) acerca dos animais. Eram de maneira geral bons cavaleiros, e alguns até se tornaram toureiros. As ciganas residentes em Lisboa, são maioritariamente negociantes de panos. Nenhuma cigana em Portugal tem por profissão o canto e a dança, pois para além dos cuidados com a casa e com os filhos, quando têm alguma ocupação fora de casa, fazem a venda (Coelho, 1994).

Era tradição que, após o casamento, os homens ciganos se dedicariam à venda ambulante, mas também há outras profissões, como fazer negócios com animais, podem fazer cestas, podem fazer tosquiar, ou podem ter curso superior e serem advogados,

professores. Independente da profissão, segunda-feira é dia de descanso para muitos dos ciganos (Ministério da Educação, 2001).

Se na sociedade são marginalizados, não poderia ser diferente no âmbito profissional, uma vez que são considerados fazedores de uma economia delinquente, devido a herança dos antepassados da profissão de vendedor ambulante, que continua a ser a mais exercida (Mendes, 1997).

Os ciganos têm uma polivalência nas actividades económicas e fontes de rendimento, adaptando-se ao que o mercado absorve, sendo esses trabalhos assalariados ou não, e assim estão a inovar nas profissões exercidas. Essas profissões são marginalizadas e desprezadas pela população não cigana. Grandes empresas fizeram os ferros velhos desaparecerem; a produção em série extinguiu o artesanato, a mecanização do campo acabou com o trabalho nas lavouras (Liégois, 1989).

Por isso, em sua maioria exercem profissões com baixa qualificação profissional, uma vez que entre os ciganos, o grau de analfabetismo é muito elevado. Não há tradição em trabalhos assalariados, uma vez que os ciganos não aceitam ser mandados (Mendes, 1997).

Numa tentativa de subsistir social e economicamente, os ciganos criaram actividades como a «venda de porta em porta», venda na feira ou em mercados. São os chamados «ofícios adaptados», uma vez que não são considerados actividades profissionais, mas sim actividades de subsistência (Mendes, 1997)

Não só de venda ambulante vivem os ciganos. Actualmente a uma série de profissões - alheias a realidade dos ciganos -, agora fazem parte do universo cigano, tais como mecânicos auto motivos, jogador de futebol, estilista, costureira, empregados de escritório, maquilhagem/cabeleireiro, médica (o), pintor, donos de estabelecimento (Mendes, 1997).

O exercício liberal de uma dada actividade permite ao cigano manter sua independência em relação ao «maquinismo urbano». Essa independência é absolutamente necessária para a integridade dos seus valores (Nunes, 1996)

O excesso de trabalho é um vício e somente uma sociedade predominantemente utilitária pode tolerá-lo. Uma sociedade que escraviza o homem não pode repudiar o ócio, e para os ciganos o ócio e o trabalho são duas grandes virtudes e acusam-se mutuamente dos seus excessos (Nunes, 1996).

Capítulo V – O Casamento.

Quando se inicia um namoro, os enamorados não podem se falar, mandam recados um para o outro através de terceiros, é o chamado namoro com o olho. O cigano não pode recusar o compromisso de namoro ou casamento, já uma cigana, pode recusar «dando a cabaça». Nas festas de casamento, costumam vestir roupas novas, algumas vezes até feitas por costureiros famosos. Não gostam da união com um não cigano. Para desfazer um casamento, é necessário reunir as respectivas famílias e entrar em acordo (Ministério da educação, 2001; Bastos, 2007).

O casamento cigano se caracterizava por ser uma cerimónia muito festejada, onde acontecia um «teatro» que simulava o rapto da noiva. Ela era levada para a casa de seus pais e os homens dessa comunidade se fantasiavam de guerreiros e ali estavam para protegê-la. O noivo chegava montado no seu melhor cavalo, encenava uma briga com os guardiões, a qual era vencida pelo noivo, raptava a noiva e fugiam para a casa dos pais do noivo. A festa continuava do lado de fora da casa, todos cantavam, dançavam e bebiam e dentro de casa os noivos tinham a sua primeira noite de amor. O noivo saía de casa e exibia a todos o lençol manchado de sangue comprovando a virgindade da noiva (Baçan, 1999; Quaresma, 2010).

O casamento cigano é concretizado com o nascimento de um filho, e se não acontece, o casal passa por momentos de aflição pois a infertilidade é encarada como um castigo, que pode ser para o casal, ou para o grupo (Baçan, 1999).

Os casamentos inicialmente eram realizados entre a mesma «raça», isso porque acreditava-se que se a cerimónia fosse vista por um desconhecido não pertencente àquela raça, a noiva morreria. Porém hoje já não é assim. É cada vez mais frequente a realização de casamentos entre ciganos e gadgés, o que indiscutivelmente contribui para a aculturação desse povo (Baçan, 1999; Pereira, 1992; Quaresma, 2010).

A lei cigana não é de acordo que homens ciganos se casem com não ciganas, porém não admite que as mulheres ciganas se casem com pátiós (homens brancos), pois esse tipo de casamento as faz quebrar o vínculo com grupo do nascimento. De maneira mais clara, um homem que case com uma não cigana faz um casamento misto, não desejado, porém eles permanecem na comunidade berço dele, já uma mulher que case com um não cigano, ela casa «fora», e se põem fora da comunidade de origem, uma vez que as mulheres quando

casam, vão morar na casa dos sogros. A lei cigana põe de lado a mulher que traiçoa sua família e seu grupo. (Bastos, 2007)

A separação é um direito concedido, e pode ser gerida pela lei cigana. Para as mulheres é concebido um novo casamento, e para os homens, arruína com a reputação. Se o casamento for com um «senhor», os filhos são retirados das mães e ficam sob a guarda da avó materna, permanecendo no seio da comunidade de origem. (Bastos, 2007).

2- Metodologia

2.1. Área de estudo - Caracterização do bairro Alfredo Bensaúde

O bairro Alfredo Bensaúde localiza-se na zona oriental da cidade e integra-se em zona limítrofe dos concelho de Lisboa e Loures. Está situado na freguesia de Santa Maria dos Olivais, e está construído em terrenos confinantes com o degradado Bairro Quinta da Vitória (Carneiro, 2003; GEBALIS, 2009) (ver figura 1).

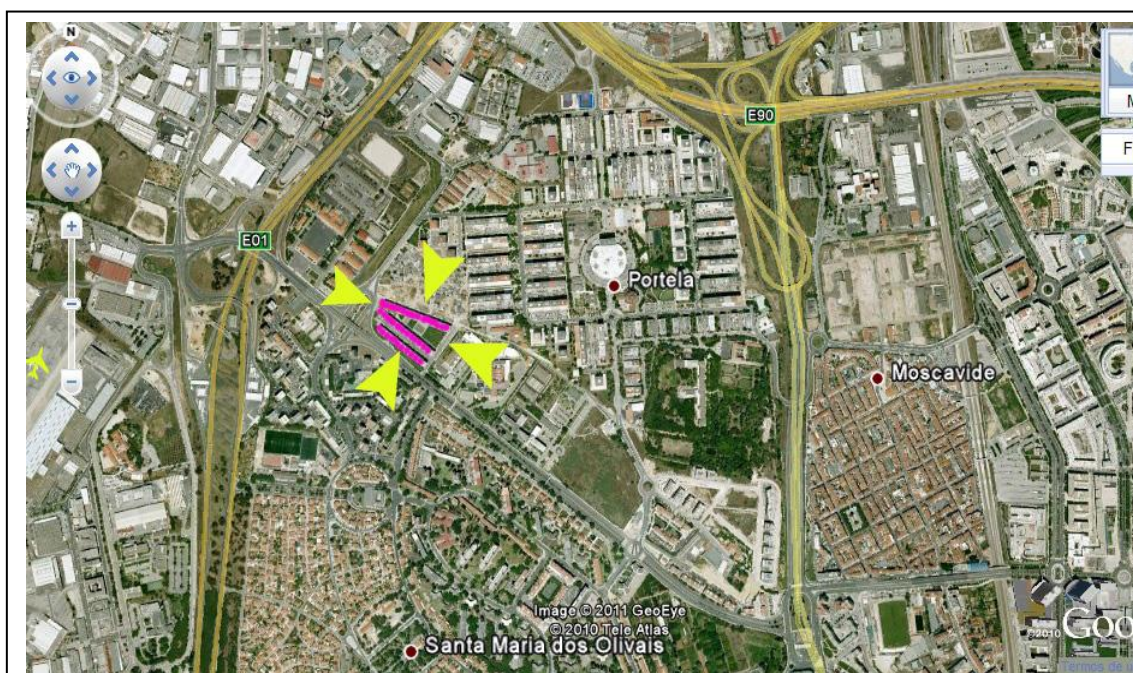


Figura 1 – Mapa de localização do Bairro Alfredo Bensaúde.

Fonte: googlemaps

A operação de realojamento deste bairro resulta de um protocolo assinado no ano de 2001 entre o município de Lisboa e de Loures para contemplar 100 famílias residentes na Quinta da vitória, que confina geograficamente com o bairro. Os restantes residentes

resultam de famílias oriundas de diversos locais de realojamento dos quais não existem relatos escritos (GEBALIS, 2009).

O programa especial de realojamento foi definido para a construção de 36 lotes totalizando 357 fogos, e foi finalizado em 2002 (GEBALIS, 2009).

O bairro tem a superfície de 29,231m². O número de fogos corresponde a 315, sendo 26 de tipologia T1; 119 fogos são de tipologia T2; 138 de tipologia T3 e 32 fogos correspondem à tipologia T4. Alfredo Bensaúde conta ainda com 1 456 m² de espaços para comércio, sendo esses cafés duas vendas; 2 215m² para equipamentos, um parque infantil com brinquedos e um campo de futebol, e ainda 10 534m² para estacionamento e arrecadações (Carneiro, 2003).

A seguir seguem fotos que ilustram o bairro.



Foto 1: Campo de futebol



Foto 2: parque infantil



Foto 3: Prédio a esquerda, Banda A,
Prédio a direita, Banda B



Foto 4: Prédio a esquerda, Bloco B,
prédio a direita, bloco C



Foto 5: Largo



Foto 6: parque de estacionamento.

Contam também com estruturas de apoio como o Centro de Saúde dos Olivais, a Santa casa da Misericórdia, Escolas primárias, ATL, Pastoral dos Ciganos. Também há estruturas para lazer como parque infantil e campo para jogos. (GEBALIS, 2009)

2.II. Processo Metodológico

2.II.1. Breve caracterização da população do bairro

A população é diversificada, com um número significativo de pessoas da etnia indiana, cigana, caucasiana e africana. A maior parte da população encontra-se com idade activa, porém a um alto índice de desempregados e pensionistas (GEBALIS, 2009)

A comunidade do bairro Alfredo Bensaúde é composta por 995 habitantes, sendo 130 ciganos, 199 indianos, 139 africanos e 527 caucasianos (Branco 2011²).

A comunidade do bairro Alfredo Bensaúde é composta por 33 famílias africanas, 123 famílias caucasianas, 29 família ciganas e 46 famílias indianas, totalizando assim 231 famílias (GEBALIS 2007).

Em 2007, a população do bairro era basicamente composta por adultos, 473. As crianças são cerca de 219. Os idosos são a menor parte da população, e correspondem 73 indivíduos (GEBALIS 2007).

² Dados do relatório de estágio de Sara Branco cedidos para este trabalho.

2.III. Breve caracterização da GEBALIS

A GEBALIS faz a gestão dos Bairros Municípios de Lisboa com a perspectiva de desenvolvimento e integração social, educação ambiental, conservação do património e integração profissional da população. Baseia-se no critério da proximidade, isso é, faz a gestão através de gabinetes de bairros, fazendo assim a gestão social, patrimonial e financeira. Os gabinetes são compostos de equipas multidisciplinares (GEBALIS, 2009).

A GEBALIS tem sob a sua gestão 66 bairros em 5 zonas da cidade de Lisboa. Totalizam 23 376 focos com 81 816 habitantes. Para gerir este património contam com 14 gabinetes de bairros e 220 colaboradores. (GEBALIS, 2009).

2.III.1 – Bairro Social – O que é?

No final do século XIX já se colocava a seguinte questão: populações insolventes a habitar alojamentos que não ofereciam as mínimas condições para habitação atendendo a evolução da população, após a segunda metade do século XIX, as condições habitacionais melhoram nomeadamente após a “explosão” do desenvolvimento industrial que provocou o êxodo rural (Matos, 1994).

No século XIX as péssimas condições das instalações serviam para alimentar infecções, incêndio e epidemias como a tuberculose, peste bubónica, quer pela falta do saneamento básico, pela canalização da água ou recolha do lixo, por exemplo. Essas condições foram denunciadas ao longo dos anos, e medidas foram tomadas para melhor organização desse espaço, que – já nessa altura - afectava um percentual generoso da população mais carenciada. Foram tomadas medidas para melhorar as condições quer seja por parte das instituições privadas, quer seja por parte do estado ou até mesmo do município. (Matos, 1994).

Em 1903 é criado o regulamento de salubridade das edificações urbanas, elaborando um inquérito para atestar a salubridade das principais construções feitas por todo país, atestando se garante as mínimas condições necessárias para habitação. É visível a melhoria das condições habitacionais (Matos, 1994).

As acções da iniciativa privada para a habitação social são absolutamente pontuais, podendo destacar-se algumas no fim do século XIX e princípio do século XX, na construção de bairros fabris que beneficiavam rendas baixíssimas (Matos, 1994)

Durante a segunda guerra atenua-se a migração populacional das zonas rurais para as zonas industrializadas como Lisboa e Porto, e dá-se uma nova crise no sector habitacional. Com a inflação, a renda das casas passou a ser exorbitante para a humilde população que a habita, ocorrendo uma «sobre-ocupação» das habitações (Matos, 1994)

Com a forte procura, há uma maior demanda na produção da habitação social financiada pelo Estado em parceria com as Câmaras municipais. A intervenção do estado no programa habitacional facilitou a aquisição de terrenos, isenção de impostos, juros mais baixos (Matos, 1994)

A localização dos bairros é predominantemente sugerida na periferia das freguesias, onde se encontram os parques industriais, pois assim não há «mistura» da população com os «pobres coitados» que habitam essas casas (Matos, 1994).

Habitação social não é apropriação do estado físico do espaço (sendo essas promovidas pelo estado e Municípios), significa a interacção do homem com esse espaço, ou seja, a maneira como ele interioriza a imagem desse espaço, como age, como reage e como interpreta o que se exprime, principalmente na relação que têm com os vizinhos. No fundo, a apropriação significa tornar seu aquilo que lhe foi dado (Matos, 1994; Augusto, s/d). É importante conhecer quais elementos internos e externos poderão identificar novas identidades entre a população e entre seus espaços residenciais (Augusto, s/d).

É uma estratégia fundamentada na providência social. Do direito da habitação força o estado a intervir em prol dos cidadãos menos favorecidos em termos habitacionais, tentando não deixar que sejam excluídos pelo sistema e pela sociedade (Augusto, s/d).

“ A construção dos chamados bairros sociais tem levado um conjunto de interessantes questões no que concerne à eficácia das políticas de habitação social. A forma generalista como as especificidades destes espaços têm sido tratadas reflecte-se na crescente incapacidade para gerir as suas relações internas. Por outro lado a habitação social não tem contribuído para uma lógica, nem de integração, nem de inserção urbana dos grupos mais desfavoráveis. ”
(Augusto, S/d)

A construção de bairros sociais geralmente está atribuída a uma forma descontínua ao crescimento urbano, ou seja, cria um sentimento de segregação e exclusão, isso porque a população interessada na habitação está afastada do processo de construção. Se calhar, se houvesse interacção entre a construção do bairro e os futuros moradores, os bairros não seriam sentidos como apenas um local de aglomeração de pessoas (Matos, 1994; Augusto, s/d). Portanto a habitação social demonstra dupla incapacidade, tanto na construção de um espaço sociável, tanto nas possibilidades de apropriação social desse espaço (Augusto, s/d).

Á grosso modo, os bairros sociais são escassos em espaços para lazer além de serem espaços segregados e estigmatizados. Tem como única função a habitação, não preocupando-se com a interacção sociocultural dessa população. Estão colocados longe dos centros urbanos, económicos, sociais e culturais o que torna visível a estigmatização da população tornando ainda mais evidente todas as carências dessas minorias étnicas (Matos, 1994; Augusto, s/d).

Com a actuação do estado no sector da habitação social, tem conseguido criar espaços nomeadamente Bairros – denominados Bairros Sociais – que tentam trazer uma imagem mais acolhedora, oferecendo também espaços para interacção da população, espaços como quadras desportivas, parques infantis.... (Matos, 1994; Augusto, s/d).

“ A construção dos bairros sociais caracterizou-se até hoje, por uma certa “megalomania arquitectónica” baseada em construção em altura capazes de realojar o maior número possível de famílias, reproduzindo assim mais drasticamente os indicadores de situações de subdesenvolvimento urbano baseados nas condições de habitação [...] o processo de (dê)sconstrução das identidades dos actores sociais com seu espaço não é um processo unilinear. Trata-se de um processo extremamente complexo determinado pela interacção de vários factores diferenciadamente importantes” (Augustos, s/d).

A identidade dos indivíduos acaba por criar uma transformação estrutural motivada pelos próprios actores, gerando assim o conjunto de respostas para as questões propostas pela atribuição «mecanizada» da residência a um grupo de pessoas, onde cada indivíduo representa parte de uma totalidade mas tem as suas particularidades relevantes. (Matos, 1994; Augustos, s/d)

É necessário atender as exigências sociais do processo de realojamento, isso é, apesar da construção massiva dos prédios, é necessário analisar cuidadosamente cada caso, para na hora da atribuição da moradia seja respeitado as particularidades de casa família que será contemplada, mantendo assim a independência sociocultural de cada ser, cada família, cada etnia presente no Bairro (Augusto, s/d).

2.IV. Grupo amostral

A etnografia sob a óptica das crianças é apresentada de forma a demonstrar como as crianças devem ser vistas, entendidas e respeitadas em sua especificidade, a manter as características que os tornam diferentes dos adultos, não sendo considerados adultos em miniaturas (Cohn, 2000; Saramago, 2001; Lancy, 2008; Segrini, 2009; Nunes, s/d).

Se trata de uma abordagem de grupo social específico e muito particular, que pela via dos núcleos e processos de construção das suas identidades, representam um grande contributo para o desenvolvimento sociocultural dessa comunidade. (Saramago 2001)

Podemos ressaltar a infância como fase ontologicamente distinta das outras etapas do percurso social dos agentes, ou seja, afasta a imagem de que a criança é desprovida de qualquer valor próprio que não fosse o de mero objecto de socialização. Diante disso se pode caracterizar que as crianças e a sociedade estão mutuamente inseridas na construção interdependente dos conceitos socioculturais. Podemos assim considerar que as crianças são componentes de um grupo social que tem lugar na estrutura social (Saramago; 2001; Lancy, 2010).

Trabalhos recentes têm demonstrado a importância que a opinião das crianças (entende-se crianças como quaisquer indivíduos que estejam entre os 3 e os 18 anos de idade³) tem para a construção activa da concepção na vida social e na construção dos sentidos a partir da vivência e da interacção que essa criança tem com o meio onde vive (Cohn, 2000).

³ A partir do momento que as crianças conseguem se expressar através da fala de maneira clara, ou seja - por volta dos 3 anos – até antes de completarem a maior idade.

Portanto a criança é um agente único, que constrói suas relações e lhes atribui sentido, e é a buscar essa independência nas concepções da vida social dos miúdos que a antropologia deixa de pensar nas crianças como meros reprodutores das opiniões dos adultos e passa a incutir valores e comportamentos independentes, sendo assim as crianças são actores sociais activos e produtores de cultura. São a única peça na construção de suas relações e nos significados que essas possuem (Cohn, 2000; Lancy, 2010).

“Uma das reflexões centrais da antropologia da infância tem sido, justamente, a participação das crianças na vida social. Do ponto de vista teórico, e segundo os paradigmas recentes, as crianças passaram a ser consideradas actores sociais. Já foi reconhecido a sua capacidade de agência, o que subentende que a criança não só participa mas que a sua participação pode ser adicionar algo à vida social, transformando-a. O que tem sido extremamente difícil é identificar na prática o que é esse algo que as crianças adicionam, e, mais ainda, qual o impacto e as consequências de sua acção no núcleo doméstico ao qual pertencem, no currículo familiar alargado na escola, enfim, na vida em sociedade.” (Nunes s/d).

A interrogação mais fervorosa é posta na capacidade de protagonismo social que uma criança pode ter enquanto agente social específico. A legitimidade do grupo infantil como fonte primária de informação é que enquanto grupo social, são específicos, detentores de um complexo conjunto de práticas e representações que conferem características únicas, os tornando identidades particulares. (Saramago, 2001; Lancy 2008)

Então o porque da utilização de crianças como actores sociais? Por que a vida das crianças difere da vida dos adultos. As crianças criam suas próprias relações na sociedade, são capazes de formular seus próprios conceitos, apesar de NÃO constituírem família, NÃO terem grandes responsabilidades como os adultos, NÃO participarem da política e das decisões do colectivo da comunidade. É rentável buscar o que caracteriza a criança e suas experiências diversas na sociedade (Cohn, 2000; Segrini, 2009; Nunes s/d).

Surge um problema meramente conceptual e metodológico devido ao facto de que não conseguimos identificar as crianças como agentes de sua potencialidade de concepção, uma vez que somos adultos-pesquisadores e devido a nossa «adultorgocentricia» não conseguimos perceber o dinamismo com que as crianças contribuem para a vida social. Permitir à criança expressar sua opinião acerca de um determinado assunto é muito mais do que simplesmente deixá-la falar, é permitir que ela manifeste sua participação na vida

social, à sua maneira – muito diferente da maneira adulta de se manifestar – contribuindo tanto quanto os adultos (Lancy, 2008; Nunes, s/d).

Através da experiência de lidar com o “outro” e com diferentes culturas, é defendido o conceito de interdisciplinaridade, isso se quiser encontrar um paradigma mais próximo possível da realidade, no sentido de melhor atender às questões que emergem da infância, quer sejam científicas, quer sejam sociais. Portanto o método etnográfico e a reflexão antropológica podem enriquecer o conhecimento sobre a infância, oferecendo uma perspectiva diferente, que complete as demais (Saramago, 2001; Segrini, 2009; Lancy, 2010; Nunes, s/d).

2.V – Trabalho de campo

O nosso grupo amostral é composto por crianças, entre os oito e os dezoito anos, escolhidas de forma aleatória, ou seja, à medida que eram abordados na rua e aceitavam participar de uma entrevista, passaram a estar incluídos na amostra.

Foi utilizada a técnica de observação directa extensiva, utilizando o recurso dos formulários, *que consiste em um roteiro de perguntas enunciadas pelo entrevistador e preenchidas pelo mesmo com respostas do entrevistado.* (LAKATOS, 1995: pág. 107). Essas entrevistas, que decorreram em jeito de conversas, foram realizadas com 55 ciganos que residem no Bairro.

A entrevista-conversa é orientada por grandes blocos de perguntas temáticas, intercomunicáveis, que permitem um desenvolvimento do tema. Os pontos de comunicabilidade são previsíveis e fáceis de serem orientados (Saramago, 2001).

Há três modalidades de entrevista-conversa: entrevista-conversa singular com apenas um entrevistado; entrevista-conversa relacional com dois e até quatro entrevistados; entrevista-conversa de grupo com mais de quatro entrevistados. (Saramago, 2001).

Foi utilizada a entrevista-conversa singular, que é apropriada na busca mais aprofundada de informações, uma vez que o entrevistado encontra-se sozinho com o entrevistador e não precisa sentir-se constrangido por outros membros da comunidade na hora de dar as suas respostas. Porém não foi uma tarefa fácil conseguir deixar os entrevistados à vontade para a conversa.

Através da utilização desta técnica pretendia-se conhecer a realidade vivida pelos entrevistados, buscando conhecer cada detalhe do quotidiano: a relação familiar, a relação com os vizinhos, a relação com a sociedade, o trabalho, os estudos, a prática de costumes tipicamente ciganos.

Como procedimento base para a construção do guião levou-se em conta as definições dos objectivos do trabalho em torno dos quais foram orientadas as perguntas. Foi importante a definição clara do bloco temático inicial e o seu encadeamento interno, planeando cuidadosamente as possíveis vias de convergência de forma a operacionalizar o assunto. Essa metodologia implicou um trabalho prévio e cuidadoso do entrevistador, que para assegurar a eficácia do trabalho, utilizou sucessivas passagens de núcleos temáticos para núcleos temáticos mantendo a coerência da entrevista.

O ambiente físico onde decorreram as entrevistas foi fundamental para o sucesso das mesmas. Foi necessário que os entrevistados estivessem totalmente à vontade a responder. As entrevistas foram realizadas no Largo, entre os Blocos C e B, inicialmente. Depois, à medida que se foi criando confiança entre os entrevistados e o entrevistador, passaram a ser feitas ao longo do bairro, uma vez que os próprios entrevistados acompanhavam o entrevistado à procura de mais pessoas para serem abordadas.

O registo das entrevistas foi feito através da utilização de um gravador - um recurso de muita valia - uma vez que dificilmente o entrevistador se recordaria de tudo que lhe foi dito em cada entrevista ao final de um dia de entrevistas.

As entrevistas foram transcritas na íntegra à mão para o guião de entrevista previamente impresso. Todas as informações obtidas na entrevista-conversa foram mantidas quando passadas para o papel, inclusivamente na maneira como foram ditas, isso é, mantiveram-se os erros de concordância, plurais e palavras ditas de maneira errada.

No trabalho de campo, também foi utilizada a técnica de observação directa que consiste na colecta de dados e utiliza os sentidos para compreender determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenómenos que se desejam estudar. Ajuda a identificar e obter provas a respeito de situações sobre as quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento (Lakatos, 1995).

Essa técnica é utilizada para recolha de informações sobre os hábitos dos indivíduos que habitam o bairro, revela uma grande exigência do ponto de vista interaccional e afectivo. Significa conseguir descrever as acções vistas da maneira mais imparcial possível.

As observações foram feitas basicamente em dois períodos. Período da manhã, entre as 10:30 e 14:00 horas ou das 15:00 as 19:30, sendo que quando realizadas de manhã não se repetiam à tarde, e vice-versa.

O ponto de observação foi sempre o mesmo durante todo trabalho. No largo entre o Blocos C e B, num banco ao pé do parque das crianças. Sentada com uma caneta e um bloco de mão, fui anotando tudo que se passou diante do meu campo de visão.

3 - Resultados e Discussão

Os dados apontados não correspondem a um levantamento exaustivo, mas decorrem de trabalho de campo efectuado pela autora, nos termos referidos anteriormente.

Não só de Portugal vêm os moradores do bairro Alfredo Bensaúde. Quatro famílias que moram no bairro vieram de Espanha. De Portugal os mais distantes da capital vieram da região do Alentejo e Algarve, uma família de cada região. Sete localidades foram citadas. De Barreiro vieram 4 famílias. Todas com três famílias tendo saído de lá estão Portela, Santa Maria dos Olivais e Amadora. De Santarém vieram duas famílias. Da Póvoa de Santa Iria e Porto vieram de cada um, uma família. Do bairro do Zambujal e Vale do Forno vieram de cada duas famílias, e Mais de 50% dos pais dos entrevistados saíram do bairro de Moscavide (ver tabela 1).

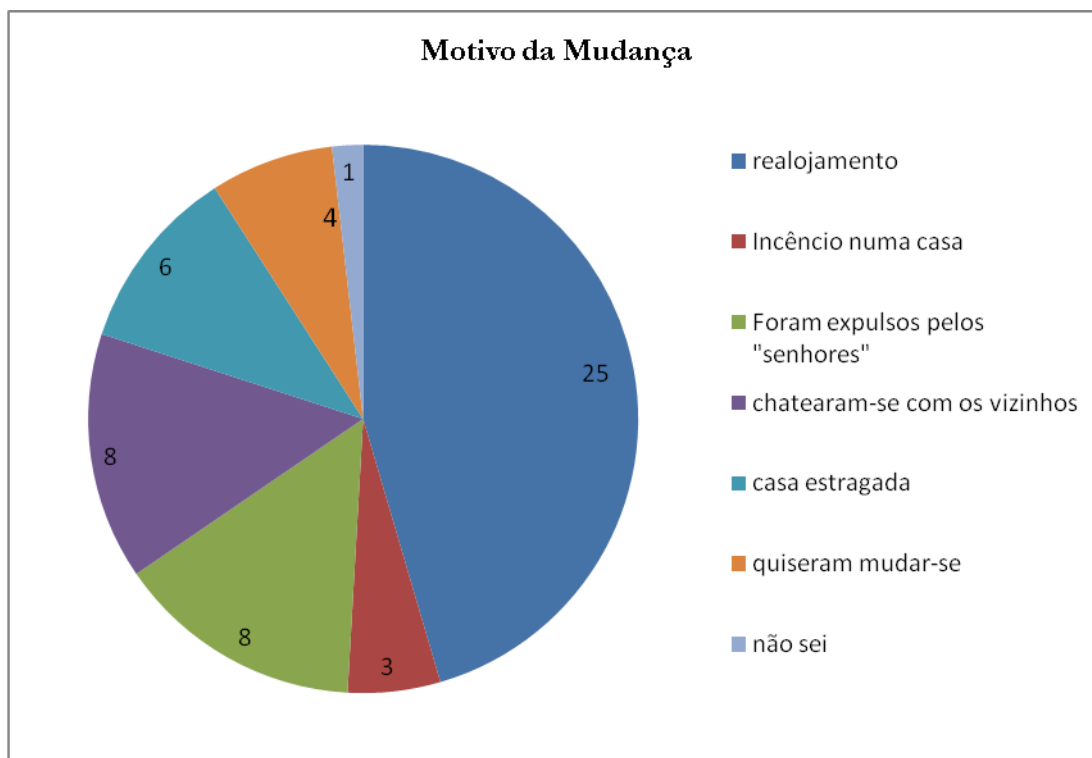
Os motivos que levaram as famílias a mudarem-se para o Bairro Alfredo Bensaúde são variados, porém, quase 50% dos entrevistados relataram que a mudança dos pais para o bairro deve-se ao programa de realojamento que aconteceu no bairro de Moscavide. Para além do programa de realojamento, em 15% das mudanças, ora foram porque ocorreram por problemas com os vizinhos, ora foi porque simplesmente foram «expulsos pelos senhores». 6 famílias mudaram-se porque tinham as casas muito velhas e sem condições de habitação. No caso de 3 famílias, mudaram-se porque a casa ardeu num incêndio. Em 4 famílias, a mudança aconteceu porque a família resolveu mudar de casa. Apenas um entrevistado não sabia dizer o motivo que levaram os pais a viver no bairro Alfredo Bensaúde (ver gráfico 1).

Tabela 1 – Onde moravam os pais do entrevistado antes de chegarem ao bairro Alfredo Bensaúde

Localidade	Frequência
Espanha	4
Alentejo	1
Algarve	1
Amadora	3
Barreiro	4
Portela	3
Porto	1
Povoa de stª Iria	1
Stª Maria dos Olivais	3
Santarém	2
Casa Maia	1
Moscavide	28
Vale do forno	2
Zambujal	2
TOTAL	55

Fonte: entrevistas no terreno

Gráfico 1 – Que motivo trouxe os pais do entrevistado a morar no bairro Alfredo Bensaúde.



Fonte: entrevistas no terreno

Destaca-se uma intensa acção de realojamento ocorrido de 2001-2004 em Moscavide, Portela, Ameixoeira, Olivais e Marvilha, devido às más condições habitacionais encontradas. Cada uma dessas localidades tiveram seus habitantes encaminhados para um bairro social. Os moradores de Moscavide e Portela foram realojados no Bairro Alfredo Bensaúde. De entre os realojados haviam caucasianos, indianos, africanos e ciganos (Santos, 2008). Diante dessa acção de realojamento explica-se o facto de mais da metade dos pais dos entrevistados terem saído de Moscavide, e a alta citação do argumento do realojamento. As menções sobre as casas em mau estado e as que arderam no incêndio acabam por fazer parte do processo de realojamento, o que somado ultrapassa mais que a metade das respostas.

Já os avós dos entrevistados têm o seu histórico residencial com algumas diferenças, como por exemplo, temos 12 netos (as) de Espanhóis, 1 neto(a) de Franceses e 1 neto(a) de Romenos. De duas grandes regiões de Portugal, Algarve e Alentejo temos respectivamente 5 e 6 famílias. De todas as localidades mencionadas, temos 4 famílias do Algueirão; Amadora, Barreiro e Sacavém temos em cada, 3 famílias; Palmela e Póvoa de Santa Iria 2 famílias cada uma. Do Porto e de Arieiro apenas 1 família. Dois bairros foram citados. Vale do forno que conta com 2 famílias e Moscavide com cerca de 20 avós dos entrevistados. É importante dizer que não necessariamente os avós também moram no Bairro Alfredo Bensaúde (ver tabela 2).

Em questões sociais e urbanas tem obscurecido o conhecimento sobre os ciganos portugueses, que são marcados por uma componente mistificadora e romântica da mobilidade espacial, onde a sedentarização já não é vista como ameaça à sua identidade étnica. Essa aceitação começou a ocorrer a quatro décadas, e desde então, cada vez é maior o número de famílias que aceitam ser realojadas. (Castros 2007). Ao contrário do que é sabido no dito popular, os ciganos não são nómadas por opção, mas sim porque não conseguiam encontrar um local para fixar a residência. Sabendo que esses avós tem entre 50 e 80 anos, ainda sofreram pressão social, necessitando mudar o local da residência, mas não necessariamente a morar em acampamentos, e sim em casas e/ou barracas construídas pelos próprios.

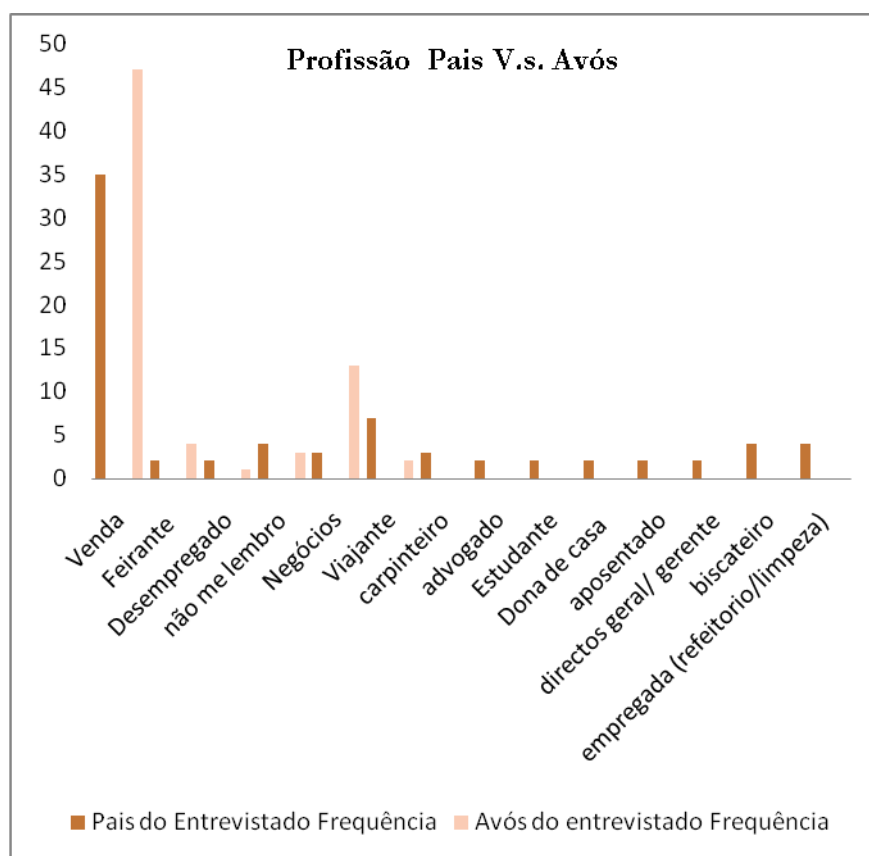
Tabela 2 – Onde moravam os avós do entrevistado antes de chegarem ao bairro Alfredo Bensaúde

Localidade	Frequência
Espanha	12
França	1
Roménia	1
Algarve	5
Alentejo	6
Amadora	3
Algueirão	4
Arieiro	1
Barreiro	3
Figueira da foz	1
Palmela	2
Porto	1
Póvoa stª Iria	2
Sacavém	3
Moscavide	20
Vale do forno	2
TOTAL	67

Fonte: entrevistas no terreno

No que diz respeito ao trabalho exercido pelos ciganos, os avós dos entrevistados mantêm-se nas profissões ditas «tradicionais dos ciganos», ou seja, a venda, a feira, os negócios e viajantes. Os pais dos entrevistados também realizam essas ditas profissões tradicionais, porém já se pode notar que houve a busca de espaço no mercado de trabalho, conseguindo cargos importantes em empresas, e até mesmo serviços onde são subordinados, coisa que não era muito comum (ver gráfico 2).

Gráfico 2 – Profissão exercida pelos pais V.s. profissão exercidas pelos avós do entrevistado.

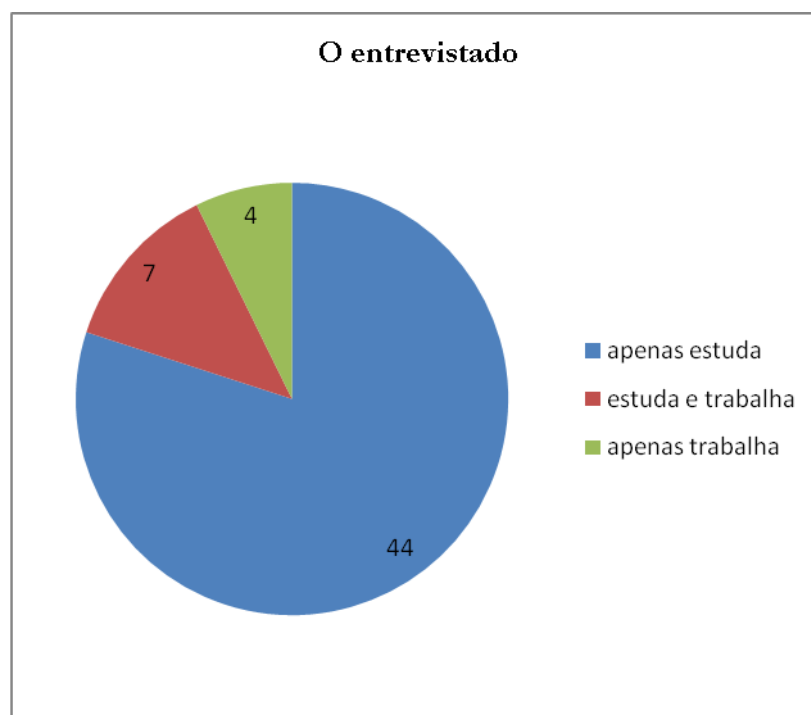


Fonte: entrevistas no terreno

As actividades económicas tradicionais da população cigana - a venda ambulante – realizada nas feiras livres e mercados sofrem com a falta de lugar para essas actividades serem realizadas. Não há incentivo por parte do Estado e para além disso, é reprimida pela polícia de maneira mais dura do que o tráfico de drogas no meio urbano. Na tentativa de conseguirem melhores condições de vidas, os ciganos procuraram centro de formação profissional para aprender uma nova profissão, e terem assim melhores condições, o que quase nunca resulta (Rato, 2000). São poucos os casos em que os ciganos conseguiram destacar-se no mercado de trabalho exercendo profissões «não ciganas» e no Bairro Alfredo Bensaúde não é diferente. É verdade que quase 50% dos pais dos entrevistados exercem a profissão «mais tradicional» dos ciganos, a venda, e esta somada com outras ditas profissões ciganas como os negócios, viajante, feirante ultrapassam metade das citações, porém, os ciganos já conseguiram entrar no mercado de trabalho dito «não cigano» exercendo profissões de grande responsabilidade e muito boa remuneração, como director geral de empresa, gerente de loja, advogados. Já exercem profissões onde encontram-se subordinados a ordens, como por exemplo empregadas de refeitório, de limpeza, realidade que não é encontrada na geração anterior, com os avós dos entrevistados.

Quase todos os entrevistados frequentam a escola, excepto quatro dos quais, dois já terminaram o décimo segundo ano, um adoeceu e perdeu o ano na escola e apenas um único caso em que não frequentava a escola por não querer. Alguns dos entrevistados estudam e ajudam os pais e/ou avós com actividades como a venda e a feira. Ganham um ordenado pelo trabalho, mas não deixam de estudar (ver grafico 3).

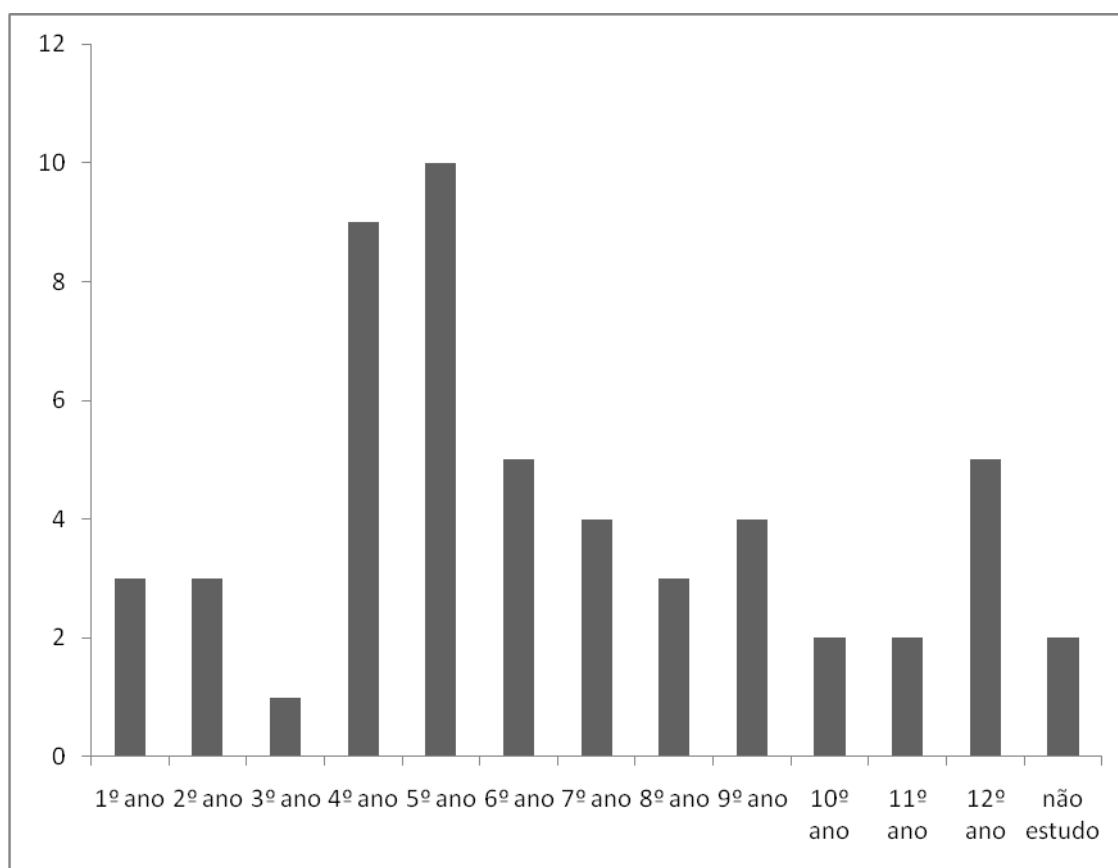
Gráfico 3 – Qual a ocupação do entrevistado



Fonte: entrevistas no terreno

Praticamente todos os entrevistados frequentam a escola. Apenas dois entrevistados não estudam. Um porque já terminou os estudos e outro que apesar de matriculado, não frequenta a escola. Devido a idade variada dos entrevistados, conseguiu-se haver representante de todas as séries da escola primária e secundária. A grande maioria dos entrevistados já «chumbou» pelo menos uma vez, fazendo com que não corresponda a idade etária com o ano cursado (ver gráfico 4).

Gráfico 4 – Escolaridade dos Entrevistados



Fonte: entrevistas no terreno

Graças a uma política de incentivo a educação multicultural, combatendo a xenofobia e o racismo, baseado no respeito das diferenças étnicas e culturais, promovendo de maneira positiva a integração de diversas etnias, deixando os ciganos à vontade para frequentarem a escola. E assim tem sido feito, na última década é considerável o número de alunos ciganos que frequentam as escolas até as séries finais da escola (Rebello 2000). Já dizia Liégois (1989) que *“a cultura cigana como todas as outras está em constante evolução, e muito mais rapidamente, porque a mudança é tradição e a adaptação uma necessidade regular.”* (pag 87). Passaram a ir a escola de alguma forma devido aos programas de incentivo, os ciganos agora frequentam regularmente a escola, e não só, reconhecem a importância de ter estudos, o que não podia ser observado à duas décadas atrás.

Já que estão a frequentar a escola, os entrevistados manifestam suas aspirações profissionais. A profissão de Juiz citada por 10 entrevistados e em sua maioria por jovens que estão por agora a acabar o ensino secundário. A profissão de advogado é citada por 8 entrevistado, tornando-se a segunda nas intenções. A carreira de médico (6 entrevistados)

está a frente da carreira de soldado (5 entrevistados), professor (4 entrevistados) jogador de futebol (3 entrevistados), cabeleireiro (2 entrevistados). Os entrevistados revelam intenções diferentes, eu diria, fora do convencional, como por exemplo astronauta (3 entrevistados), ou intenções artísticas, como cantor e actor (ambas com 2 entrevistados). Mencionadas apenas por um entrevistado, há quem queira ser pintor, mergulhador e dono de loja. Dois entrevistados não sabem ainda a profissão que querem seguir, mas já sabem que não querem seguir as ditas profissões ciganas (ver tabela 3).

Tabela 3 – Que profissão o entrevistado pretende seguir quando ingressar no mercado de trabalho.

Profissão pretendida pelo Entrevistado	Frequência
Soldado	5
Advogado (a)	8
Engenheiro	5
Jogador de Futebol	3
Juiz (a)	10
Médico (a)	6
Professor (a)	4
Cabeleireiro	2
Dono (a) de loja	1
Actor (a)	2
Cantor(a)	2
Mergulhador	1
Astronauta	3
Pintor	1
Não sei, mas não quero trabalho cigano	2
TOTAL	55

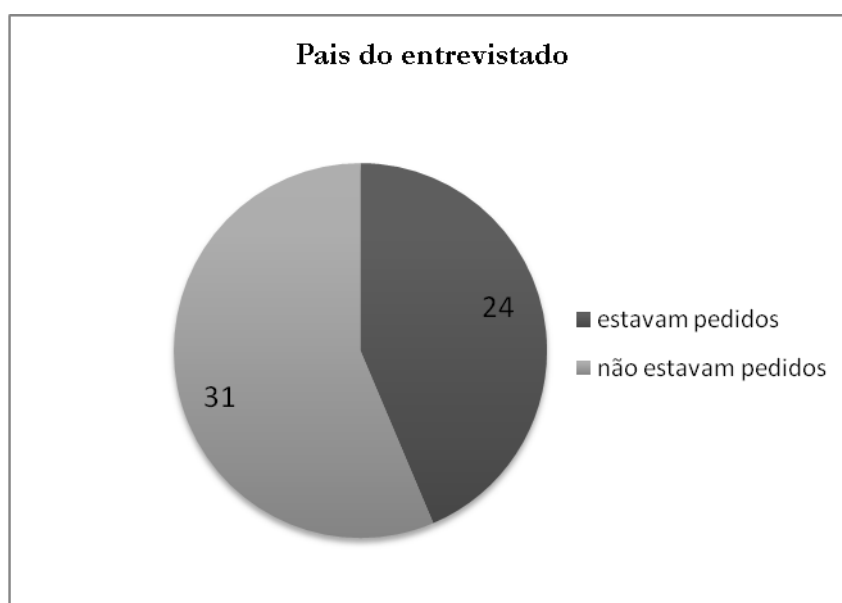
Fonte: entrevistas no terreno

Apesar das dificuldades no mercado tradicional, é difícil um cigano conseguir inserir-se no mercado de trabalho a não ser nessas actividades já conhecidas, justamente pela falta de estudo. Para tais mudanças seriam necessários cursos de formação profissional para jovens que não possuam a escolaridade mínima obrigatória, dando-lhe oportunidade para procurar outras áreas profissionais. Devido a situação dos portugueses ciganos estar a modificar-se a partir das últimas três décadas acerca das profissões, isso é, gradativamente tem deixado de exercer aquelas profissões que eram tradicionalmente ciganos - como a venda, os negócios, os viajantes – para exercerem novas profissões, como por exemplo

corte e confecção, culinária/pastelaria, mecânica, advogado, arquitecto, jogador de futebol, médico, enfermeiro (a), cabeleireira, informático. (Trindade 2000). Os jovens entrevistados buscam melhores qualificações para conseguirem bons empregos e poderem ter melhor nível de vida do que as que seus pais podem lhe oferecer. Essa mudança inicia-se a partir do momento que passam a frequentar a escola até as séries finais. Depois buscam um curso técnico ou até mesmo uma licenciatura. No bairro Alfredo Bensaúde ainda são poucos os licenciados, mas já são muitas as crianças que buscam tirar uma.

No que diz respeito às relações matrimoniais, os pais dos entrevistados tiveram o poder de decidir com quem iriam casar-se, apesar da diferença pequena, entre os que estavam ou não pedidos. Porém, alguns dos que estavam pedidos assim estavam por vontade própria, isso é, estavam pedidos porque haviam escolhido os respectivos cônjuges, e assim a sua vontade foi feita (ver gráfico 5).

Gráfico 5 – Casamento dos pais do entrevistado

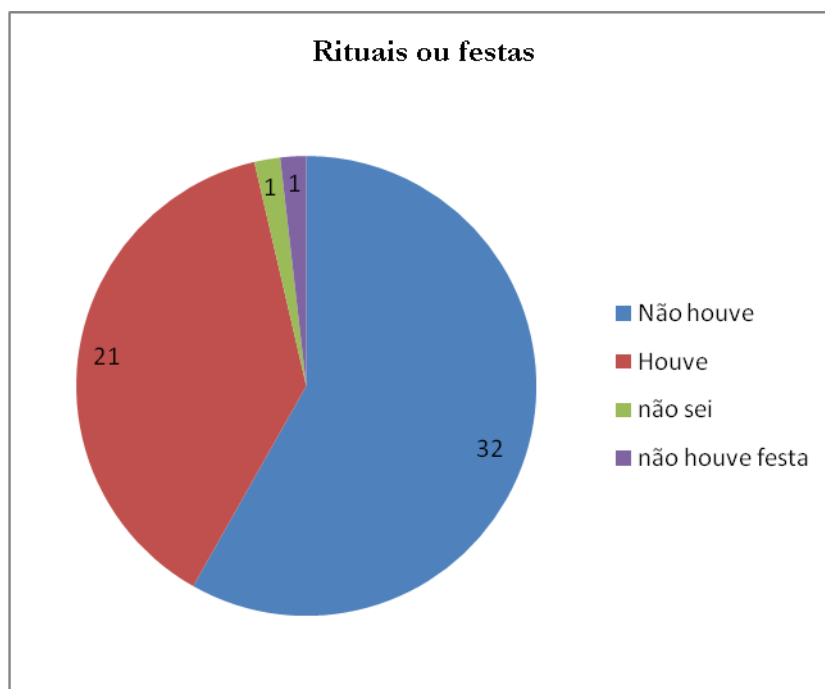


Fonte: entrevistas no terreno

Mais da metade dos entrevistados relata que os pais não fizeram festa e não mantiveram os costumes antigos na realização dos casamentos ciganos, isso é, sem rituais para comprovação da virgindade, rapto da noiva, apenas um dia e/ou noite de festa. Em sua totalidade, ninguém relatou presença de rituais verdadeiramente ciganos, apenas festas que duraram dois ou tres dias, o que não as tornam festas ciganas, pois não aconteceram os rituais, apenas festas com muita música, bebida e comida. Houve um casamento onde não

houve festa. Houve um entrevistado que não sabia a cerca de como foi o casamento dos pais (ver gráfico 6).

Gráfico 6 – Realização de rituais ou festas como comemoração do casamento dos pais dos entrevistados.

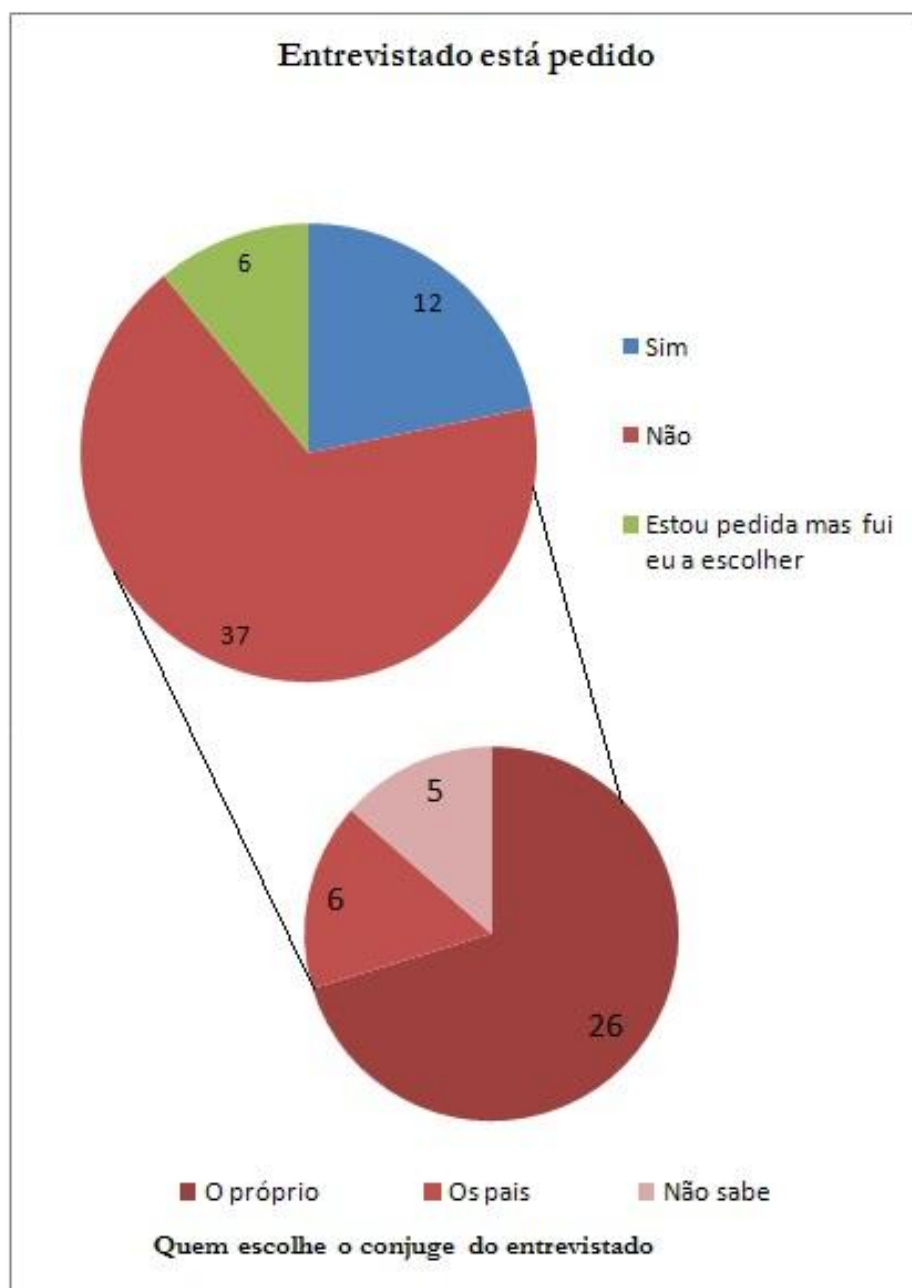


Fonte: entrevistas no terreno

“Do contacto de duas culturas diferentes – a cigana e a nossa – resulta um processo, isso é, uma contínua mudança numa certa direcção com a sua resultante, que poderá terminar na absorção da cultura menos evoluída pela mais técnica e progressiva” (Nunes 1996 pág 339). Com o convívio diário com a sociedade «não cigana», acabaram por se apropriarem dos costumes e maneira de ser, deixando para trás tradições e costumes ditos ciganos. Há pelo menos três décadas já não realizam rituais como a comprovação da virgindade da noiva, ou sequer festas de casamento que duravam 7 dias. Esses costumes foram deixados de lado à medida que passaram a dividir o espaço comum dos bairros com gadjos, não tendo o «seu espaço» para realizar esses costumes.

Ainda com relação ao matrimónio, agora para os entrevistados, a maioria não «está pedida», entre esses, 70% poderá escolher com quem quer casar, 16% terá o casamento feito pelos pais, e 14% não sabe quem irá escolher o noivo(a). 11% dos entrevistados já está pedido, mas foram os próprios a escolher. E 22% dos entrevistados tem o compromisso feito pelos pais (ver gráfico 7).

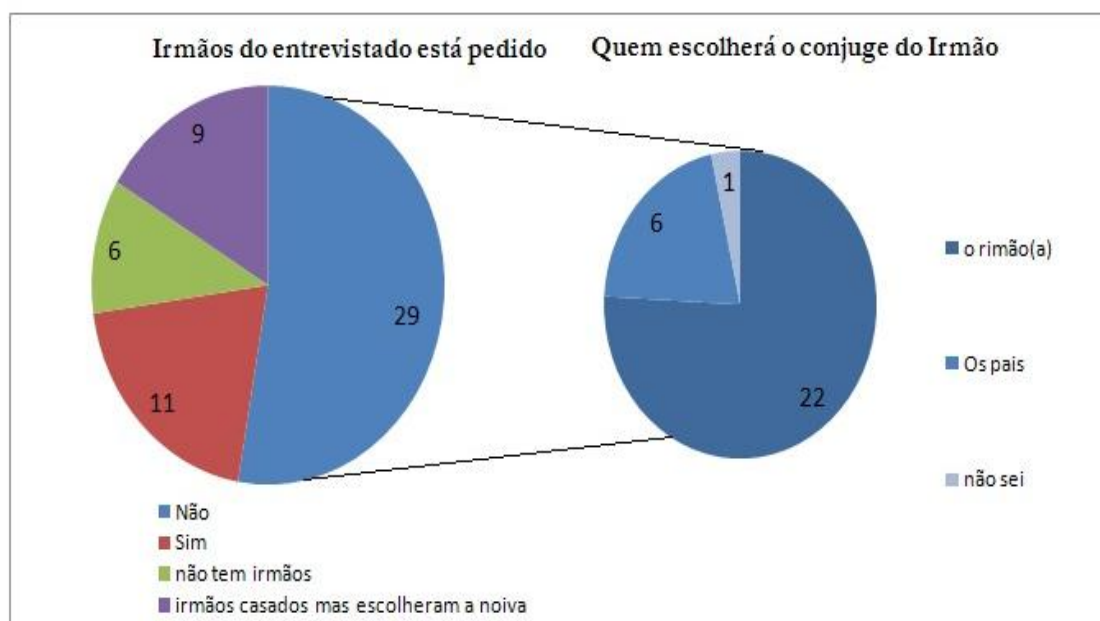
Gráfico 7 – Quem irá escolher o cônjuge do entrevistado



Fonte: entrevistas no terreno

Em relação os irmãos dos entrevistados, temos 16% já casados porém foram os próprios que escolheram com quem iriam casar, 20% já estão pedidos, e 53% não estão pedidos, e desses a grande maioria poderá escolher com quem irá casar. Apenas 11% dos entrevistados não tem irmãos (ver gráfico 8).

Gráfico 8 – Quem irá escolher o seu cônjuge dos irmãos do entrevistado

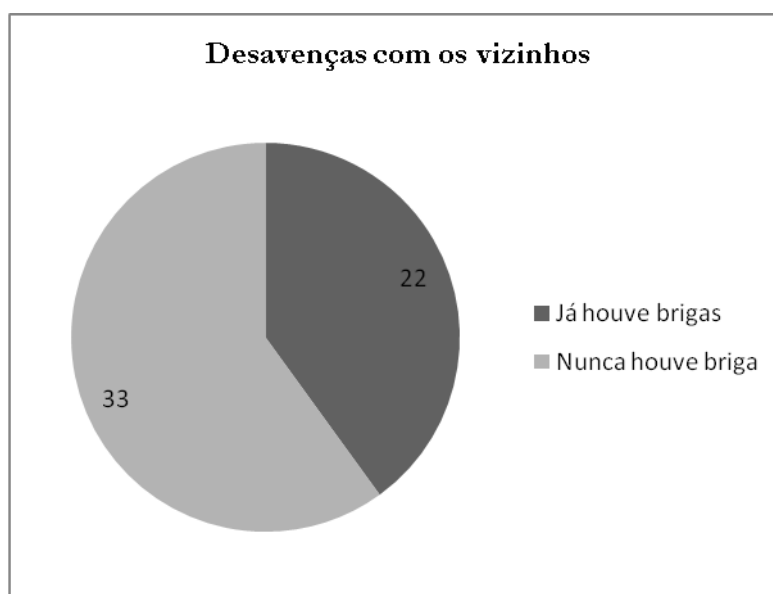


Fonte: entrevistas no terreno

Os contactos externos a comunidade cigana – antigamente fechada - que inicialmente não os afectavam, hoje tem uma grande influência devido aos poderosos meios de comunicação (rádio, tv, internet...) onde nota-se que os trajes, a escolarização, a maneira como ocorrem os casamentos na sociedade moderna não tem nada a ver com a maneira como ocorre para os ciganos, e essa pressão exercida pela sociedade faz com que a aculturação seja o caminho mais previsível para uma minoria que não quer ser reconhecida como minoria (Nunes 1996). Devido a essa integração da comunidade cigana à «sociedade comum», assistimos a um gradual processo de aculturação que faz com que haja a perda dos valores tradicionais desse grupo para integrar-se a «sociedade» onde está sendo inserido (Generoso 2008, Santos 2008). Esse processo de aculturação começa a ser percebido nessa comunidade há pelo menos três décadas quando começou a ser deixado de lado – por seus pais - certos costumes e tradições, e passaram a escolher o próprio cônjuge, e a realizarem festas à maneira «não-cigana», e tudo isso foi passado para a geração aqui representada.

Quando tratamos das relações inter-étnicas, a questão é sobre os conflitos entre vizinhos, encontrando uma situação equilibrada, onde 60% relata nunca ter tido nenhum problema com vizinhos e 40% relata a ocorrência de brigas, ou discussões com os vizinhos (ver gráfico 9).

Gráfico 9 – Relação da família do entrevistado com os vizinhos

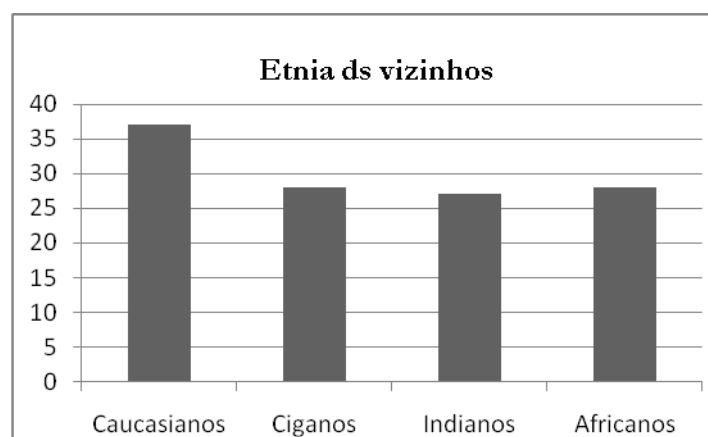


Fonte: entrevistas no terreno

“O racismo de que são vítimas, e sua actual segregação nos bairros sociais, explicam em parte sua marginalidade, devido a essa situação tem como consequência a sua desconfiança para a nossa sociedade, na qual são pouco inclinados a integrar-se: o que reforça o racismo dos gadgés para/com eles.” (Nunes 1996 pag 369). Apesar de ser esperado que os ciganos agissem com violência, não é essa a postura encontrada no bairro. Apesar de alguns desentendimentos, nunca houve situações graves, como por exemplo, a morte de algum vizinho, ou ferimentos físicos. As discussões nunca passaram de desentendimentos verbais.

De entre os vizinhos, os que mais foram citados, foram os caucasianos, sendo referidos 37 vezes. Os ciganos e africanos foram citados 28 vezes e os indianos 27 vezes .

Gráfico 10 – Quem são os vizinhos do entrevistado

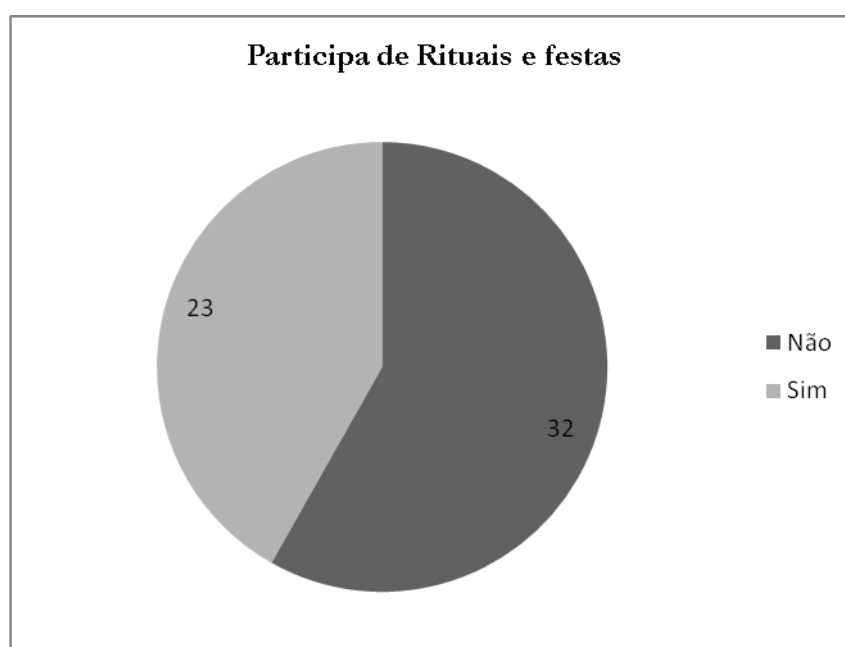


Fonte: entrevistas no terreno

Apesar da fama de viverem isolados, e serem individualistas, os ciganos têm uma profunda comunhão entre eles nas horas difíceis (Nunes, 1996). E de facto, no bairro Alfredo Bensaúde, para além de vermos os ciganos a conviverem e interagirem entre eles, interagem entre outras etnias, deixando de lado quaisquer estereótipos de que são «anti-sociais». Em diversos momentos presenciei algumas situações onde ciganos ofereciam a outra pessoa (sendo cigano ou não) refresco, batatas, ou até mesmo comida a quem não tinha o que comer. Mais de uma vez pude ver a solidariedade e apoio moral pela morte ou doença de um familiar.

Mais da metade dos entrevistados afirma que já não frequenta festas típicas, nem mantém pratica de rituais considerados tradicionalmente ciganos (ver gráfico 11).

Gráfico 11 – Mantiveram costumes e tradições tipicamente ciganos

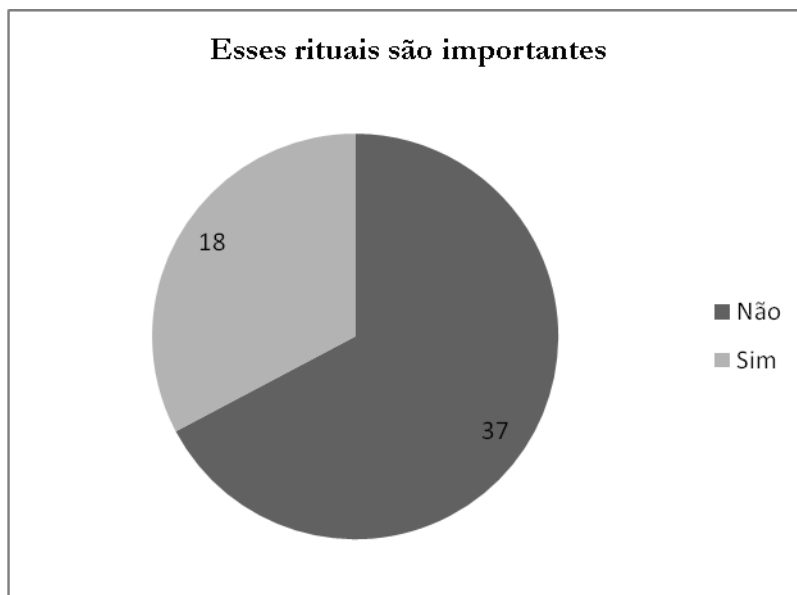


Fonte: entrevistas no terreno

A evolução dos dialectos, as assimilações e as inovações encontram-se no ponto de intersecção destes dois tipos de cortes, isso é, são determinadas pelo peso do passado, e pelas aquisições do presente. A integração na sociedade faz com que tradições culturais sejam deixadas para trás, a língua mãe seja cada vez menos usada, e cada vez haja maior aproximação com a realidade que os cerca (Liégois, 1989). Deixaram de lado aquilo que nunca tiveram, e não podem sentir falta de algo que nunca fez parte da sua existência. A perda dessas práticas ocorreu de forma gradativa e hoje já não fazem parte da vida dessa comunidade.

Mais de dois terços dos entrevistados não consideram esses hábitos importantes (ver gráfico 12).

Gráfico 12 – Manifestam costumes e tradições tipicamente ciganos



Fonte: entrevistas no terreno

“Para a verdadeira assimilação não basta que eles ponham de parte elementos típicos da sua cultura, substituindo-os pelos nossos, é preciso que eles se convençam que estes valores substituem os seus, com vantagens.” (Nunes 1996 pag 340). A partir do momento em que renegar seus hábitos passa a ser uma maneira de ser melhor integrado à sociedade, eles não hesitam em fazer, e deixam de lado essas práticas.

Em 27% dos entrevistados os hábitos e festas fizeram parte de sua história, 18% diz que esses hábitos lhe trouxeram má fama, 16% dizem que não representam nada; 15% diz que esses convívios não são pacíficos, 13% dizem que esses hábitos significam união, alegria, 7% dizem que esses hábitos não significam nada e 4% dizem que esses hábitos são para apenas convívio (ver gráfico 13).

Gráfico 13 – O que representam os hábitos e rituais tipicamente ciganos para o entrevistado



Fonte: entrevistas no terreno

“Mesmo assim, há ciganos que não são pobres nem iletrados. Há elites ciganas, tanto económicas como culturais, noutros países muito mais que em Portugal, o que mostra o processo identitário «ciganófobo», embora com idêntica economia, foi mais duro em Portugal do que em outros países” (Bastos 2007, pág 199). Diante da cultura «ciganofóbica» que se estabeleceu, a solução encontrada por essa minoria étnica foi deixar de lado esses costumes que os identificavam, para assim poderem passar «camufladas» diante da sociedade, esquecendo assim o que essas práticas poderiam representar para etnia.

A etnia cigana, embora desprezada, continua a existir, embora oponha-se a nós na simples tentativa contra-aculturação. Inconscientemente acabam por aceitar um compromisso para integração, principalmente na «casca». (Nunes, 1996). Deixaram de lado aquilo que nunca tiveram, e não podem sentir falta de algo que nunca fez parte da sua existência. Esta situação já foi feita em parágrafo acima

A distribuição dos moradores está feita da seguinte forma: 29% dos entrevistados moram na Banda A, 38% dos moradores moram na Banda B e 33% dos entrevistados moram na Banda C (ver figura 2).

Figura 2 – Distribuição dos moradores pelo bairro Alfredo Bensaúde

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Banda A	*	*	*	*	**	*	***	**	*	***	
Banda B	**	****	*	*	***		**	**	*	*	****
Banda C	**	*	*		*	*	***	**	**	****	*

Fonte: entrevistas no terreno

Apesar dos incessantes pedidos para evitar a concentração de famílias ciganas no mesmo prédio, e até mesmo no mesmo bairro, deve-se ao facto de que os ciganos desejam a convivência com outros cidadãos que não sejam de etnia cigana. É muito complicado conseguir por parte dos técnicos análises de situações particulares, como por exemplo zangas, ou caso de contrários é muito difícil pelo número de técnicos e número de casos a ser analisados, e por esse motivo, nem sempre corre bem a maneira como alojam-se os moradores nos bairros sociais (Garcia, 2000). São realojados sem haver preocupação na maneira como serão colocados no bairro, sem haver preocupação com problemas nas relações inter-étnicas, ou na relação com os próprios ciganos.

Mudanças sociais são as modificações observáveis nos traços essenciais - que caracterizam um determinado grupo - ao longo do tempo. Modificações em carácter não provisório ou efêmero. Essas modificações estão a incluir factores históricos de longa duração - desaparecem - aspectos estruturais da população e da sociedade - se transformam - assim como características dos comportamentos e das mentalidades - são modificados (Barreto 2002).

No presente trabalho, a transformação dos valores, ideais e formas de relacionamentos resultantes do processo de modernização é resultado da integração do relacionamento mais forte entre povos dos diferentes espaços sociais em virtude de processos progressivos da interacção inter-étnica.

Essas mudanças implicam num conjunto substancial de indivíduos que manifestam mudanças no seu modo e condições de vida, isso é, corresponde a uma mudança estrutural e não a uma adaptação funcional existentes, tornando possível observar alterações profundas na forma de organização social passíveis de comparação com as formas anteriores.

Todas essas mudanças são identificáveis no tempo, o que nos permite detectar e descrever as alterações estruturais a partir de um ponto de referência. A mudança social surge assim como a diferença observável entre dois estados da realidade social.

4 – Conclusão

A revisão teórica leva ao conhecimento de um processo de aculturação que as minorias étnicas vêm sofrendo ao longo dos anos para que conseguissem se integrar à sociedade.

São dois processos distintos. Pode ser o processo de assimilação, isso é, a modificação que ocorre na vida interior do indivíduo, de tal modo que ele adquira os comportamentos e sentimentos do grupo, no seio do qual veio viver. Ocorre a absorção por um conjunto sociocultural mais forte. É através da assimilação que se processa a integração social e cultural. Das duas culturas diferenciadas no contacto resulta sempre a vitória da mais avançada. Os indivíduos em contacto começam a imitar inconscientemente os que os rodeiam, vão ensaiando o modo de agir dos outros, começando assim a assumir involuntariamente as atitudes dos outros.

Quando a assimilação é imposta, gera conflitos e reacções; ou pode ser um processo de acomodação, que é uma modificação externa para se adaptar às necessidades de coexistência na sociedade global, em que um grupo está incluído. É o que acontece aos grupos ciganos no contacto com a comunidade *gadjé*. O grupo que passa a residir num bairro social passa a estar inserido num meio social e têm de ter modos de conduta, que muitas vezes são diferentes dos seus e algumas vezes chegam a ser antagónicos. Desse jeito fica diante um dilema: ou abandona alguns hábitos antigos, ou luta contra a exigência do ambiente. Diante do dilema pode ou não adoptar os novos hábitos, como por exemplo, os trajes, hábitos alimentares, a ocupação, a língua, do grupo ao qual veio juntar-se. Contudo pode continuar a manter uma identificação sentimental com os principais valores da própria cultura. A mudança é apenas exterior à sua vida: é a acomodação.

Na comunidade estudada podemos dizer que ocorre um pseudo-processo de aculturação, isso é, aceitam a perda de alguns dos costumes como por exemplo as roupas, a maneira de falar, as profissões. A perda desses costumes permite que essa minoria seja melhor aceita na comunidade «não cigana». Porém não deixam de lado certos costumes, que consideram como a única maneira de manter suas tradições vivas. No que se passa da porta de casa para fora, os ciganos tentam de todas as maneiras se parecerem com os *gadjé* e da porta da rua para dentro de casa, mantêm costumes que são considerados essenciais para a subsistência dessa cultura.

É possível concluir que a mobilidade territorial dessa minoria étnica é devido a uma pressão exercida seja pelos vizinhos seja pelo governo. Em sua maioria as mudanças ocorreram devido à políticas de realojamento ou a expulsão pelos vizinhos. Independente se as casas estavam em más condições, ou se arderam num incêndio, essas são causas relacionadas a política de realojamento.

Nessa comunidade, as ditas profissões tradicionalmente ciganas ainda são exercidas, mas não como na geração anterior (os avós dos entrevistados) que mantiveram a prática dessas ditas profissões tradicionais. De uma geração para outra, observamos que os pais dos entrevistados conseguiram ingressar no mercado de trabalho dos «senhores», assumindo cargos de chefia e cargos subordinados, o que era impensável na geração anterior.

Mas a maior mudança foi constatada no facto das crianças frequentarem a escola, e não só, de permanecerem na escola até concluírem o ensino secundário. Buscam nos estudos possibilidade de conseguirem melhores condições de vida ao exercerem as profissões dos «senhores». Fazem intenção de fazer um break em relação a geração dos avós. Querem prosseguir no que começou a ser feito na geração passada, «infiltrarem-se» nas ditas «profissões dos senhores», para terem prestígio, profissões em que sejam respeitados, reconhecidos e valorizados. Querem poder ter melhores condições financeiras.

Já não são os pais quem decidem com quem os filhos vão casar, porém isso já acontecia há quase quatro décadas atrás nessa comunidade, pois os pais dos entrevistados, em sua maioria puderam escolher com quem iriam casar, o que mantêm-se, pois serão os entrevistados a escolher seus respectivos cônjuges. Para os entrevistados essa mudança é muito positiva, pois ter de levar em frente um compromisso feito pelos pais era um sacrifício muito grande, que acarretaria num final infeliz.

Apesar da má fama de brigões foi possível constatar que os ciganos do bairro conviviam harmonicamente e pacificamente com os vizinhos, sendo esses africanos, caucasianos ou indianos. Nunca foram mencionados desentendimentos graves onde tivesse ocorrido ferimentos ou morte de alguém. Nunca durante o trabalho de campo foi observado qualquer atitude menos cordial com quaisquer vizinhos.

O facto de não frequentarem festas tipicamente ciganas ou rituais faz com que não preservem certos hábitos tradicionalmente ciganos, tornando para eles natural a ausência dessas praxes típicas. Não dão valor a essas práticas, não as querem no seu convívio porque

nunca as tiveram não sentem falta. Não podem dar importância a algo que nunca fez parte do seu convívio.

As famílias encontram-se distribuídas de forma aleatória pelo bairro, isso é, foram ali colocados sem que haja predomínio da etnia cigana em nenhum prédio de nenhum blocos. Na maneira como é feita o realojamento misturou-se as etnias à qualquer maneira e sem se preocupar com quaisquer problemas inter-étnicos que pudessem vir a ocorrer.

Sugestões para trabalhos futuros

Averiguar se a aculturação é consequência ou objectivo no realojamento, isso é, faz-se o realojamento com a intenção que essa minoria seja «engolida» pela nossa sociedade, ou, essa minoria acaba por deixar-se «engolir» de forma natural.

Acompanhar de perto a relação da comunidade com os gestores do bairro a fim de compreender o quão se importam com essa população menos favorecida economicamente.

Referências Bibliográficas

- Augusto, N. M. (S/d) Habitação social – da intenção de inserção à ampliação da exclusão IV congresso Português de sociologia: Coimbra
- Baça, L. P.(1999). Ciganos, Os Filhos do Vento. Rio de Janeiro: A Casa do Mago das Letras[Livro virtual] .
- Bastos, J. G. P, (2007). Sintenses Ciganos: Uma abordagem estrutural – Dinâmica, Sintra, Câmara Municipal de Sintra.
- Barreto, A. (2002) Mudança social em Portugal, 1960/2000, Lisboa, ICS.
- Bueza, T. C. (1999) Las minorías étnicas y sus relaciones de clase, raza y etnia in « Revista de estudios sociológicos y de sociología aplicada, Madrid, Universidad Complutense Madrid
- Carneiro, H. A. M. C. B. 2003. Processo de realojamento e apropriação do espaço num bairro multi-étnico, em serviço social, não publicado, Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa.
- Castro, A; Correia, A. (2008) Ciganos e precariedade habitacional: uma aproximação à realidade em Portugal. In actas do seminário internacional ciganos territórios e habitat, Lisboa, Portugal.
- Coelho, A. (1994) Os ciganos de Portugal – com um estudo sobre o calão, Lisboa, Dom Quixote.
- Cohn, C. (2000) Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os kayapó-Xikrin do Bacajá in «revista de antropologia», são Paulo, v.43, n.2»
- Costa, E. M; (1995) Os ciganos em Portugal: Breve história de uma exclusão, in «O povo cigano: Cidadãos na Sombra. – Processos explícitos e ocultos de exclusão». Lisboa.
- Dias, J. F. (2008). Etnicidade cigana; auto exclusão, e tratamento diferencial. Manuscrito em preparação.
- DIREITOS HUMANOS. Definição de minorias étnicas.[On Line] Disponível em:
<http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/dh/br/pb/dhparaiba/5/minorias.html#2> (09 jun. 2011).
- Fontes, C. (2009) Etnias de Portugal: O caso dos Ciganos,Lisboa, Lusotopia.
- Fraser, A. (1995) The gypsies. (Reimpressão em Português, A história do povo cigano, 1998, 359p.)
- Garcia, O. (2000) o associativismo dos imigrantes em Portugal in Janus – Suplemento Especial sobre imigração. Lisboa.
- Generoso, S. R; Charneco, A. M. (2008) Intervenção comunitária nos bairros municipais de Lagoa: Nós, os ciganos, in actas do seminário internacional ciganos territórios e habitat, Lisboa, Portugal.
- GEBALIS (2007) Histórico de caracterização do Bairro. Gabinete de Bairro dos Olivais.
- GEBALIS (2009) Histórico de caracterização do Bairro. Gabinete de Bairro dos Olivais.
- Kenrick, D. (1993). Gypsies: From India to the Mediterranean. 1ª ed. Centre de Recherches Tsiganes. (Traduzido por Isabel Fernandes e Fernanda Barão. Ciganos: Da Índia ao Mediterrâneo, 1ª ed. Artes gráficas Ltda,1998)
- Lakatos, E. M. 1995. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas S.A.
- Lancy, D. (2008) The anthropology of childhood – cherubs, chattel, changelings. New York, Cambridge.
- Lancy, D. (2010) The anthropology of learning in childhood. West Sussex, wileyblackwell.
- Liégeois J. P, (1989) Ciganos Itinerantes (tsiganes et voyagerus 1985. Conseil de l'Europe, strasbourg). Santa casa da Misericórdia de Lisboa. Tradutora(Maria Amélia Lima Petinga.)

- Lusa. (2011, 25 de Janeiro). Origem do povo cigano fica no Nordeste da Índia, revela estudo genético Português. Público, p. 3.ç
- Machado, P. (1994). A presença cigana em Portugal: um caso de exclusão secular in «Coexistência e exclusão urbanas», Lisboa, UNL.
- Magano, O, Silva, L. F. da. (2009). A Inteiração/exclusão social de uma comunidade cigana residente no Porto, Porto, Universidade Aberta do Porto.
- Maia, E. L. (1978) O testamento mágico dos Ciganos, Lisboa, Sociedade Tipográfica Primorosa LTDA.
- Marsiglia, L. (s/d.) A saga cigana: A história e os segredos do povo mais misterioso do mundo.
- Matos, F. L. (1994) Os bairros sociais no espaço urbano do porto 1902 – 1956 in «análise social vol XXIX (127) (3º) 677 – 695.
- Mendes, (1997). Etnicidade, grupos étnicos e relações multiculturais: elementos para compreensão das relações entre ciganos, no âmbito de uma sociologia das relações Étnicas e Rácicas. Faculdade de Letras Universidade do Porto.
- Ministério da educação, 2001. HISTÓRIAS DO POVO CIGANO, Sugestões de Actividades para o Ensino Básico. Departamento da Educação Básica, Núcleo de Organização Pedagógica e Apoios Educativos
- Nunes, A. (s/d) Reflexões sobre a contribuição das crianças à vida social: p caso da infância indígena no Brasil in « III seminário internacional da primeira infância, Porto alegre, Brasil»
- Nunes, O. (1996) O povo cigano, Águeda, Lisboa, . 2ª ed. Grafilarte, Artes Graficas, Ltda
- Pereira, C. C. (1992). Ciganos: A oralidade como defesa de uma minoria étnica. Revista do Instituto de História e Geografia do Brasil, a 153, n 377, 96 – 105. Out – Dez. Rio de Janeiro
- Pinto, F. (1995) Etnia cigana – realidade sociocultural múltipla e dinâmica. «O povo cigano: cidadãos na sombra – Processo explícitos e ocultos de exclusão».
- Quaresma, D. (2010) Ciganos de Mira Sintra, sujeitos do seu destino? A reinvenção de uma comunidade cigana em processo de realojamento in Composição – Revista de Ciencias Sociais Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, n. 7, a. 4.
- Rato, H. (2000) O impacto económico da imigração para Portugal in Janus – Suplemento Especial sobre imigração, Lisboa, unidade de investigação em Relações Internacionais da Universidade Autónoma de Lisboa
- Rebelo, M. (2000) Alunos estrangeiros na escola portuguesa in Janus – Suplemento Especial sobre imigração, Lisboa, unidade de investigação em Relações Internacionais da Universidade Autónoma de Lisboa.
- Santos, M; Antunes, M. S; Romano, R.; Cavaleiro, L. (2008) Etnia cigana nos bairros municipais de Lisboa: Recenseamento e Reflexões. In seminário internacional ciganos territórios e habitat, Lisboa, ISCTE
- Saramago, S, S. S. (2001) Metodologias de pesquisa empírica com crianças in « sociologia, problemas e práticas, n.35, p9-29.», Lisboa, ISCTE.
- Segrini, J. M. (2009) Percepção ambiental da comunidade do entorno do parque estadual de Itaúnas, Conceição da Barra, Es – Brasil. Monografia de bacharelado em ciências biológicas. Vitória: Faculdades Integradas são Pedro.
- Teixeira, R. C. (2000). Correrias de ciganos pelo território mineiro. Dissertação de mestrado em história. Universidade Federal de Minas Gerais
- Teixeira, R. C. (2008) Ciganos em Minas Gerais: Breve história, Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Minas Gerais.

Trindade, m. B, R. (2000) Portugal, sociedade multicultural in Janus – Suplemento Especial sobre imigração, Lisboa, unidade de investigação em Relações Internacionais da Universidade Autónoma de Lisboa

LISTA DE FIGURAS E FOTOS

Figura 1 – Mapa de localização do Bairro Alfredo Bensaúde

Figura 2 – Distribuição dos moradores pelo Bairro Alfredo Bensaúde

Foto 1 – Campo de futebol

Foto 2 – Parque Infantil

Foto 3 – Prédios da banda A e B

Foto 4 – Prédios banda B e C

Foto 5 – Largo

Foto 6 – Parque de Estacionamento

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Onde moravam os pais dos entrevistados antes de chegarem ao bairro Alfredo Bensaúde.

Tabela 2 – Onde moravam os avós do entrevistado antes de chegarem ao bairro Alfredo Bensaúde.

Tabela 3 - Que profissão o entrevistado pretende seguir quando ingressar no mercado de trabalho

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Que motivo trouxe os pais do entrevistado a morar no bairro Alfredo Bensaúde

Gráfico 2 – Profissão exercida pelos pais V.S. profissão exercida pelos avós do entrevistado.

Gráfico 3 – Qual ocupação do entrevistado.

Gráfico 4 – Escolaridade do entrevistado.

Gráfico 5 – Casamento dos pais dos pais do entrevistado.

Gráfico 6 – Realização de rituais ou festas como comemoração do casamento dos pais do entrevistado.

Gráfico 7 – Quem irá escolher co cônjuge do entrevistado.

Gráfico 8 – Quem irá escolher o cônjuge dos irmãos do entrevistado.

Gráfico 9 – Relação da família do entrevistado

Gráfico 10- Quem são os vizinhos do entrevistado.

Gráfico 11 – Mantiveram costumes e tradições.

Gráfico 12 – Manifestam costumes e tradições tipicamente ciganos.

Gráfico 13 – Os hábitos e rituais tipicamente ciganos representam o que para o entrevistado.

ANEXO 1

Roteiro de entrevista

HISTÓRICO HABITACIONAL

Onde o Sr(a) morava antes de vir para o Alfredo BenSaude?

Porque veio morar aqui?!

Onde moravam seus pais? Moraram a vida toda nesse lugar?

Onde moravam seus avós? Moraram a vida toda nesse lugar?

Em caso negativo: sabe porque eles se mudaram? Se mudaram quantas vezes? Para onde!?

Porque não foi viver onde seus pais e avós viveram!?

TRABALHO E OFÍCIO

Histórico familiar

Qual era a profissão dos teus pais?

Qual era a profissão dos teus avós?

Você trabalha?!

Em caso positivo: Em que?

Alguém mais trabalha?

Em caso positivo: em que trabalha(m)?

Banda: A B C

Andar: 1 2 3 4 5 6

Lado: A B

Lote: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13

CASAMENTO

Como conheceu o seu (sua) marido (esposa)?

Quem escolheu o cônjuge?

Como aconteceu o namoro?

Como foi o casamento? Ritual, essas coisas.

Como foi a preparação para o(s) casamento(s) do(s) seu(s) filho(s)?

Quem escolheu o cônjuge?

Como foi o namoro?

NO AMBITO SOCIAL

Relações inter-étnicas

Como é sua relação com os vizinhos?

Você convive com os vizinhos?

SIM – Como é essa relação?

NÃO – Porque não há convívio?

Quem são seus vizinhos!? AFRICANOS–INDIANOS–CIGANOS-CAUCACASIANOS

Como é sua relação com os responsáveis pelo bairro?

Está satisfeito em morar aqui? Porque?

Aculturação

Você tinha algum hábito no bairro antigo que já não tem aqui!?

SIM – Porque já não tem esse(s) hábito(s) aqui?

Sente falta dessa prática?

O que esse hábito representa pra si e para sua família?